

**HISTÓRIAS DA  
ERA AQUARIANA**  
para  
**CRIANÇAS**



FRATERNIDADE ROSACRUZ

**VOL. VII**

# HISTÓRIAS DA ERA AQUARIANA PARA CRIANÇAS

Volume 7

Compilado por um Estudante da

**The Rosicrucian Fellowship**

Centro Rosacruz de Campinas – SP – Brasil  
Avenida Francisco Glicério, 1326 – conj. 82  
Centro – 13012-100 – Campinas – SP – Brasil

Revisado de acordo com:

1ª Edição em Inglês, 1951, *Aquarian Age Stories for Children*,  
editada por The Rosicrucian Fellowship

1ª Edição em Português, 1990, *Histórias da Era Aquariana para  
Crianças*, editada por The Rosicrucian Fellowship

Pelos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Rosacruz – Centro  
Rosacruz de Campinas – SP – Brasil

[www.fraternidaderosacruz.com](http://www.fraternidaderosacruz.com)  
[contato@fraternidaderosacruz.com](mailto:contato@fraternidaderosacruz.com)  
[fraternidade@fraternidaderosacruz.com](mailto:fraternidade@fraternidaderosacruz.com)

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	4
<b>SER UM PORCO-ESPINHO</b> .....	5
<b>A SOMBRA DE NINGUÉM</b> .....	15
<b>SAPATOS DOURADOS</b> .....	26
<b>NUVEM RUIDOSA</b> .....	35
<b>A ÁRVORE GANANCIOSA</b> .....	39
<b>FOGO COM AR CONDICIONADO</b> .....	51
<b>A EVOLUÇÃO PREMATURA DE CLYDE</b> .....	60
<b>O DESEJO</b> .....	70
<b>VÉSPERA DE NATAL NA FLORESTA</b> .....	83

## **AGRADECIMENTOS**

Este volume de Histórias da Era Aquariana é dedicado a todas as crianças, jovens e adultos. Possa a sua harmonização com Duendes, Fadas, Ondinas e Salamandras e com nossos irmãos mais jovens do Reino Animal. Conservá-los sempre jovens de coração.

Uma nota especial de agradecimento a um dos nossos membros que generosamente contribuiu com as encantadoras ilustrações deste volume.

## SER UM PORCO-ESPINHO

Porco Montanhês levantou seus espinhos e alisou-os novamente.

— Gostaria de ser um coelho, resmungou.

— UM COELHO?, repetiu Esterlino, outro porco-espinho. Para que?

— Assim eu não teria que carregar estes espinhos nas minhas costas o tempo todo. São pesados e eles coçam.

— São a sua proteção, protestou Esterlino. Eu não trocaria meus espinhos pelas cascas de todas as arvorezinhas do mundo.

— Não me diga que você gosta de carregar essas coisas para onde quer que você vá, disse Porco Montanhês.

— Não, eu não gosto muito, admitiu Esterlino, mas não me importo em ficar um pouco desconfortável. Os espinhos valem a pena. O que você faria se viesse um urso, perseguisse você e você não tivesse os espinhos?

— Se eu fosse um coelho, eu fugiria saltando, disse Porco Montanhês.

— Só isso, hein, disse Esterlino.

— Só isso, concordou Porco Montanhês.

— Bem, você deveria ficar agradecido por seus espinhos e ficar contente por não poder se livrar deles, admoestou Esterlino. Para os coelhos é muito mais difícil do que você pensa. Eles estão sempre tremendo e fugindo toda vez que um galhinho estala. Acho que eles nem podem comer sossegados.

— Azar deles se são como gatos assustados, disse Porco Montanhês com desprezo. Eu não fugiria quando um galhinho estalasse. E, com certeza, não ficaria tremendo. Eu continuaria a comer tranquilo. Além disso, nenhum urso ainda me perseguiu.

— Ele perseguiria, se você fosse um coelho, disse Esterlino. Mas eu não vou discutir com você. Eu vou procurar alguma coisa para comer.

Esterlino saiu gingando pesadamente. Porco Montanhês ficou observando-o e suspirou.

— Ele parece tão pesado como eu. Oh, como eu gostaria de me ver livre destes espinhos e ser um coelho!

— É isso mesmo que você quer?, perguntou uma voz atrás dele.

Porco Montanhês se virou tão depressa quanto pode e ficou de olhos arregalados. Lá estava o porco-espinho mais esquisito que ele já tinha visto. Pelo menos ele pensou que era um porco-espinho, embora ele fosse roxo e com espinhos dourados.

— Quem é você? perguntou Porco Montanhês.

— Eu sou o Porco-Espinho Perfeito, respondeu ele.

Eu posso transformar você em um coelho, se você realmente quer ser transformado em coelho, mas você precisa ter certeza que quer ser um coelho, que depois que você virar coelho, você vai ter que ficar sendo coelho.

— Você pode mesmo me virar em um coelho? perguntou Porco Montanhês.

— Eu acho que foi isso mesmo que eu disse, respondeu impaciente o Porco-Espinho Perfeito.

— Então, por favor, me transforme em coelho, pediu Porco Montanhês.

— Você entendeu bem que depois que você virar coelho, você vai ter que ser coelho para sempre, mesmo que você queira muito voltar a ser porco-espinho de novo?, perguntou o Porco-Espinho Perfeito.

— Eu entendo, respondeu Porco Montanhês. Eu não vou querer nunca mais ser porco-espinho.

— Eu não teria tanta certeza disso, disse o Porco-Espinho Perfeito. Mas, se é isso que você quer...

O Porco-Espinho Perfeito soltou um dos seus espinhos dourados, que caiu no chão na frente de Porco Montanhês e se balançou para os lados tão depressa, que ele só viu uma luz dourada.

— *Sylvilagus Lepus Cuniculus!* entoou o Porco-Espinho Perfeito.

No mesmo instante, Porco Montanhês se sentiu tão leve como uma pena. Tentou dar um passo para frente, mas em vez disso, ele deu um pulo. Tentou dar outro passo, e só deu outro pulo. Seus espinhos tinham desaparecido. Havia uma sombra branca atrás dele e torcendo o corpo como um U, viu que tinha um rabo de algodão.

— Sou um coelho! Sou um coelho! exclamou, pulando em círculos, entusiasmado. Obrigado, Porco-Espinho Perfeito, obrigado!

Mas, o Porco-Espinho Perfeito tinha desaparecido.

Porco Montanhês saiu pelo prado fazendo com que cada pulo fosse mais longo do que o anterior. Era maravilhoso sentir-se tão leve e levantar-se tão alto no ar, sem espinhos pesando para fazê-lo descer. Era quase como um instante, Porco Montanhês alcançou Esterlino, que ainda estava indo no seu jeito lento, pesado, procurando comida. Porco Montanhês pulou por cima de Esterlino e caiu bem na frente dele.

— Vuuuh! exclamou Porco Montanhês. Veja como eu pulo!

Você não está com pena de não ser um coelho?

— O que — Porco Montanhês? É você? perguntou espantado Esterlino quando conseguiu falar.

— Eu mesmo! disse Porco Montanhês. O Porco-Espinho Perfeito me transformou em coelho. Eu não peso quase nada! Eu posso pular, pular e ir a qualquer lugar dez vezes mais depressa do que você.

Porco Montanhês pulou e pulou em volta de Esterlino, mostrando como ele podia pular e como podia ir bem depressa.

— Pare! pediu Esterlino. Você está me deixando tonto. E para responder à sua pergunta, não, eu não tenho pena de não ser coelho. Espero que você não venha a sentir pena de ser um coelho. Boa sorte, meu velho. Você vai precisar dela.

Com isso, Esterlino continuou seu caminho, sem prestar mais atenção a Porco Montanhês.

— Ora, ele está com ciúmes, disse Porco Montanhês para si mesmo. Se ele vai ficar assim, é melhor eu esquecer dele. De qualquer forma, é hora de eu fazer amizade com coelhos.

Porco Montanhês foi pulando até que encontrou muitos coelhos comendo num canteiro de trevos. Deu um belíssimo pulo e caiu bem no meio deles. Os coelhos fugiram, pulando para todos os lados.

— Pra onde eles foram? Porco Montanhês pensou alto, quando um coelho grande veio devagar para perto dele.

— O que você quer dizer com “pra onde eles foram?”, perguntou zangado o coelho grande. Você os assustou tanto que eles se esconderam. Que espécie de coelho é você, afinal? Você não tem nada melhor que fazer do que assustar seus irmãos? Nós já temos muitas coisas de que ter medo!

— Desculpe, disse Porco Montanhês, que lá no fundo achou que era uma grande bobagem os coelhos terem medo de outro coelho. Eu sou coelho há pouco tempo, e não sabia que vocês se assustavam por tão pouco. Eu pulei por cima de Esterlino e ele não se assustou.



— Esterlino é um porco-espinho. Os porcos-espinho têm espinhos para protegê-los. Eles sabem disso e os outros animais também. Na verdade, há muito pouco do que os porcos-espinho possam ter medo. Nossa única proteção contra o perigo é fugir dele o mais rápido possível, e há muitas coisas que assustam os coelhos.

O coelho grande falou com se estivesse explicando as coisas para um bebezinho.

— Bem, disse Porco Montanhês, eu era porco-espinho até uma hora atrás e nunca me assustei. E também não vou começar a ficar assustado agora. Acho que vocês coelhos tinham que aprender a ser mais valentes.

— Você era um porco-espinho e agora você é um coelho!

O coelho grande repetiu essa informação suavemente.

— Você está procurando encrenca! Boa sorte, meu amigo. Você vai precisar dela.

Com isso, o coelho grande foi embora, pulando, deixando um Porco Montanhês aborrecido atrás dele.

— Que é que há com todo mundo? perguntou a si mesmo. É a coisa mais fácil do mundo ser coelho. É só pular e...

O som de latidos o interrompeu. Um cachorro enorme vinha correndo pelo prado bem na sua direção. Porco Montanhês já tinha lidado com cachorros antes e não se preocupou nem um pouco. Quando O cachorro visse seus espinhos, com certeza iria voltar correndo com o rabo entre as pernas.

Porco Montanhês tentou eriçar seus espinhos e nada aconteceu. Tentou de novo — e, então, ele se lembrou. Ele não tinha espinhos. Ele não tinha absolutamente nada que pudesse protegê-lo contra o cachorro.

Pela primeira vez na vida, Porco Montanhês teve medo. Seu coração bateu duas vezes mais depressa que o costume, e ele tremeu desde o focinho até ao rabo. O cachorro estava quase alcançando-o e tinha todos os sinais de querer agarrá-lo com seus dentes afiados.

Não havia outra coisa a fazer, senão fugir. Porco Montanhês começou a pular o mais depressa que conseguiu. O cachorro estava bem nos seus calcanhares. Mesmo correndo muito, o cachorro também corria igual, latindo tão ferozmente que Porco Montanhês sentia seu bafo quente.

Assim foram, sem cessar, o cachorro correndo e latindo, e Porco Montanhês pulando para salvar a pele. Atravessaram o prado, atravessaram o bosque, subiram e desceram a colina e ainda assim o cachorro estava bem atrás de Porco Montanhês.

Ele sabia que já não podia ir muito longe. Estava sem fôlego e suas pernas, que não estavam acostumadas a pular, doíam terrivelmente. Estava quase caindo, quando viu um buraco no chão na sua frente. Dando um último pulo, mergulhou no buraco, deixando o cachorro escavando na entrada e latindo loucamente.

Porco Montanhês ficou deitado no chão de um túnel. Ele não podia se mexer, quase não podia respirar e não queria pensar. Tudo em volta estava escuro e, à distância, ouviam-se latidos, latidos, latidos ...

Depois do que lhe pareceu um tempo muito longo, Porco Montanhês percebeu que havia muitos coelhos ao seu redor.

— Quem é ele? disse um. Que sujeito, trazer aquele cachorro bem aqui na nossa toca! Agora nós vamos ter que nos mudar.

— Meu nome é Porco Montanhês, disse ele. Porque vocês vão ter que se mudar?

— Porque você trouxe o cachorro até nossa toca, seu palerma, foi a resposta. Agora que ele sabe onde nós moramos, ele não vai nos deixar em paz. Ele é capaz de ficar lá fora a qualquer hora, esperando a gente aparecer. Que tipo de coelho você é que não sabe disso?

— Bem, eu era um porco-espinho até há pouco tempo atrás, explicou Porco Montanhês, que estava ficando cansado de explicar isso. Desculpem por eu ter guiado o cachorro até sua toca, mas eu esqueci que eu já não tinha meus espinhos. O cachorro quase me pegou. Eu pulei, pulei, e quando vi este buraco eu me joguei dentro.

— Talvez fosse melhor se o cachorro tivesse pegado você, disse maldosamente o coelho. Nós, os coelhos de verdade, já temos bastantes problemas. Nós não temos necessidade de porcos-espinho-coelhos que não se lembram que não têm espinhos e levam os inimigos até nossa porta!

— Mas eu estava com medo, choramingou Porco Montanhês. Eu não sabia mais o que fazer.

— Você estava com medo! zombou o coelho. O que é que você esperava? Os coelhos passam metade de suas vidas assustados. Você devia ter pensado nisso antes de se tornar um coelho. Agora saia daqui e volte para onde você pertence. Não permitimos meios-coelhos aqui.

Os coelhos se uniram e empurraram Porco Montanhês pelo túnel e depois para fora da entrada. Parece que o cachorro tinha ido embora, mas agora estava escuro, e Porco Montanhês não sabia o que poderia estar escondido atrás das árvores e moitas. Ele estava aterrorizado, e seu coração batia tão forte, que ele nem podia ouvir seus próprios pensamentos.

— E não volte! gritaram os coelhos no túnel, atrás dele.

Porco Montanhês deu alguns pulos para a frente na escuridão. Um galhinho estalou, e ele quase morreu de medo antes de perceber que ele mesmo tinha feito o galhinho estalar quando pisou nele.

Uma coruja piou por perto e, de novo, ele pulou de susto.

— O que há comigo? pensou. Eu nunca tive medo de corujas antes.

Porco Montanhês foi pelos bosques escuros, pulando, parando e ouvindo. Qualquer barulhinho o assustava, e ouvia barulhos que não existiam. Não sabia aonde estava. Estava com fome. Estava cansado. Estava tão só!

Por fim, achou um tronco oco. Arrastou-se para dentro dele e deitou-se. Pensou que ali estaria tão à salvo como em qualquer outro lugar. Ali passou longas e escuras horas, esperando pelo amanhecer. Estava certo que bem ali, fora do tronco, havia cachorros, ursos, raposas e lobos, todos a espera para agarrá-lo.

Quando finalmente o Sol apareceu, o pobre Porco Montanhês estava em péssima forma. Meteu o nariz para fora do tronco e teve medo da própria sombra. Tremia o tempo todo, ainda mais quando um galho estalava. Estava morrendo de fome, mas muito assustado para procurar a sua refeição da manhã. Estava exausto, mas muito assustado para poder dormir.

— Oh! como gostaria de ter meus espinhos de novo, murmurou, porque estava muito assustado para poder falar alto. Gostaria de nunca ter desejado ser um coelho! Gostaria de ser outra vez um porco-espinho!

— É, eu acho que sim! disse uma voz na frente do tronco.

Lá estava o mais estranho coelho que Porco Montanhês já tinha visto. Era roxo e seus bigodes e a cauda eram dourados.

— Suponho, murmurou Porco Montanhês, que você é o Coelho Perfeito?

— Sou, disse o Coelho Perfeito. Não precisa murmurar. Saia desse tronco e pare de tremer. Você é o coelho mais covarde que eu já vi.

— Eu não quero mais ser coelho, Porco Montanhês estava quase chorando.

— Não foi isso o que eu ouvi ontem, disse zangado o Coelho Perfeito. Você estava louco para ser um de nós.

Pular fora de qualquer perigo com a maior facilidade!

Ser coelho é a coisa mais fácil do mundo! Bah!

— Gostaria de ser um porco-espinho, choramingou Porco Montanhês.

— Você não se lembra que o Porco-Espinho Perfeito disse que você não poderia se transformar de novo? perguntou o Coelho Perfeito.

— Eu me lembro, fungou Porco Montanhês, começando a chorar.

— Oh! pare de lamentar-se! disse o Coelho Perfeito.

Você é uma vergonha para a família Coelho. Eu tenho o poder de fazer uma exceção para a regra Não-Transformar-de-Novo, se acontecer de eu não querer você na nossa família. E é claro que eu não quero! Eu vou virar você de novo no que você era antes e espero que tenha bastante juízo para ficar daquele jeito.

O Coelho Perfeito agitou os bigodes até que eles se mexeram tão rapidamente, que tudo que Porco Montanhês viu foi uma luz dourada.

— *Erethizon Hystricidae!* entoou o Coelho Perfeito.

Imediatamente Porco Montanhês se sentiu mais pesado.

Tentou pular, mas em vez disso só deu um passo lento, pesado. Seus espinhos estavam outra vez no lugar. Ele era de novo um porco-espinho!

— Obrigado, Coelho Perfeito, disse Porco Montanhês agradecido, mas o Coelho Perfeito tinha desaparecido.

Agora Porco Montanhês sabia que nunca mais precisaria ter medo de cachorros, homens, corujas, galhos que estalavam ou de sua própria sombra. Seus espinhos eram tão pesados como sempre, mas Porco Montanhês se sentia leve, despreocupado e muito mais aliviado.

— Agora, disse, finalmente posso tomar minha refeição da manhã em paz.

Nesse momento, chegou Esterlino, movendo-se pesadamente.

— Oi, cumprimentou-o Porco Montanhês.

— Olá, você voltou a ser o mesmo, disse Esterlino. Você não gostou de ser coelho?

Porco Montanhês estremeceu.

— Não, não gostei de ser coelho, respondeu com firmeza. E também ninguém gostou de mim como coelho. Foi assustador e horrível: Eu nunca mais vou querer ser outra coisa a não ser um porco-espinho.



## A SOMBRA DE NINGUÉM

Era uma vez, uma sombra subindo na colina

Melancólica, abatida e sozinha.

Sua silhueta caída, pesada para baixo, pois não tinha

Uma só pessoa que pudesse chamar: minha

Tristemente se arrastou ladeira acima,

Embora não tivesse um objetivo a ver;

Era a coisa mais lastimável de todas —

Uma sombra sem alma ter.

Uma vez, pertenceu a um rapaz bom e robusto

Cujo físico era direito, alto e encorpado.

Nesses dias abençoados, a vida era infinitamente boa,

Pois a sombra nada tinha cometido de errado.

Andava sempre nos passos do rapaz,

Cada movimento repetia com precisão,

E imitava tudo que o rapaz fazia

Suas maneiras destras e discretas são.

Aqueles dias silenciosos foram um tempo de delícias,

De correr e bem alto pular,  
Pois o rapaz era um ginasta de muitas perícias,  
Todas as proezas ele queria tentar.

A sombra é despreocupada, feliz e contente,  
Com mais sorte do que ela própria supõe  
Para muitos, uma sombra não consegue empreender  
O que seu dono fazer lhe propõe.

Há muitas sombras que estão hoje acorrentadas  
A um complicado e desajeitado alguém,  
Ou a uma pessoa indolente e que considera  
O exercício com um arrogante desdém.

Essas são as sombras com motivos de se lamentar,  
Que são abafadas e reprimidas,  
São elas que devem ficar sentadas, imóveis,  
De vigor e anseios destituídas.

Nossa sombra contudo, desacorrentada e livre,  
Para se lamentar, não tinha motivos,  
Não poderia ter tido um rapaz mais cortês,  
Nem de mais versáteis objetivos.



Mas, sempre insatisfeita, sempre aborrecida,

A sombra em protesta rebelou-se;

Achando que não tinha suficiente espaço

Para mostrar habilidades nas quais aprimorou-se.

Então, passou a se exhibir sozinha,

Ficando de ponta cabeça e fazendo saltos mortais

Precisamente quando o rapaz estava em repouso

E ela realmente estava a pedir demais.

Esperando que o rapaz ficasse quietamente a olhar

Sua própria sombra, sempre a revirar,

Sem orientação, direção ou planos a

De quem tivesse a cabeça no lugar.

No começo, o rapaz ficou um pouco aborrecido

E pediu, por favor, à sombra que parasse

De se comportar de maneira tão imprópria,

E com seus excêntricos caprichos cessasse.

A sombra, contudo, audaciosa por seus impulsos,  
Em um indulgente mundo novo pensou,  
Recusar-se a viver pelas leis de suas iguais,  
E assim em maiores proezas se lançou.

Mais uma vez, o rapaz lhe pediu para parar  
De manter esse capricho pueril e irrefletido,  
“Mas numa feroz independência quiz se afirmar;  
E o comportamento da sombra cresceu decidido.

“Não mais vou me submeter às suas leis”,  
A sombra com audácia ousou informar.  
“Daqui para diante vou rodopiar quanto eu quiser;  
Farei o que jovialmente me agradar”.

“Muito bem”, disse o rapaz, “uma vez que você usa esse tom,  
Não vou mais com você argumentar;  
Vai aprender por experiência própria,  
Você está fazendo o que as sombras não devem realizar”.

“Mas isto eu vou lhe dizer, pois você parece insistir  
Que dona de si mesma quer ser,

Fique longe de mim e não volte,

Até que todas as travessuras da mocidade você possa resolver”.

“Sem ‘mas!’”, disse o rapaz quando a sombra começou

A protestar que preparada não podia se sentir

Para, por si sozinha, num mundo físico viver,

E no qual até agora ambos tinham estado a dividir.

“Você disse que às minhas regras não iria se submeter”.

O rapaz foi severo, sem ceder.

“Sendo esse o caso, não quero você por perto —

Ande sozinha, então, para aprender!”

Assim, com rebeldia que já não sentia,

A sombra virou-se e saiu correndo,

Sem um adeus para seu dono de anos,

Para em completa coragem ir vivendo.

À princípio, tudo parecia ser uma grande brincadeira —

Divertida, engraçada, com alegria.

“De qualquer modo, quem precisa desse rapaz?”, perguntou alegre,

Quando viu que pular e correr ainda podia.

Assim, por todo o dia alegremente foi  
Por seu audacioso, desinibido caminho,  
Até que, ao pôr do sol, o sol desapareceu da vista,  
E ali ficou ela no escurinho.

Sempre antes na escuridão, solitárias horas.  
Bem junto do seu rapaz cia se aninhava  
E não havia diferença entre ele e ela  
Assim, em segurança, seu sono aproveitava

Mas agora, tão só na terrível escuridão.  
Uma noite inquieta passou.  
Nunca antes conhecera o tremor,  
E nunca antes o pavor a assolou.

Finalmente, apareceram os primeiros raios do Sol  
A sombra pensou “Ah! por fim,  
Meu caminho posso de novo eu mesma o fazer  
É melhor que vá depressa, sendo assim”

A sombra, deliciada, levantou-se de um pulo

E caiu de novo no chão, atordoada.

Não tinha mais força, esta pertencia ao rapaz

Ao qual a sombra, em sua fraqueza estava ligada.

Portanto, a verdade da questão ficou clara;

A sombra sozinha, era impotente.

Necessitava da força que o rapaz emanava;

Sem ela, era uma parasita somente

Então, angustiada, mais uma vez a sombra

Tentou levantar-se e se movimentar.

Com cuidadoso esforço conseguia ficar em pé.

Mas suas forças, estas não conseguia melhorar.

Continuando, foi em seu caminho, debilitada,

Incerta, pesarosa e assustada;

Sem saber ao certo o que fazer depois;

Sem conhecer alguém que a levasse amparada.

Seus passos eram pura agonia, cambaleantes e fracos,

Nenhuma vez tentou saltar ou pular,

Nem voar ou cabriolar no ar;

Seus instintos todos avisaram-na a parar.

Compreendeu que logo necessitaria retomar

Sua fonte de proteção e poder,

Do contrário, ela teria de ir embora deste mundo;

Nunca mais voltaria a florescer.

Tentou unir-se, então, onde pudesse,

A quem quer que à sua vista fosse aparecer.

Mas todos recusaram dizendo “Sombra já tenho.

Diga-me, por que duas eu preciso ter?”

Os animais também repeliram suas tentativas

Para em seu grupo ela insinuar-se:

“Não saberíamos o que fazer com tão estranha

Coisa, como duas sombras a enrolar-se.

Nenhum grupo de leões, tigres, teixugos, caracóis,

Hipopótamos, patos ou seus parentes,

Dignar-se-ão aceitar como coisa permanente

Uma sombra que é uma gêmea, somente”.

Até as plantas se espantaram ao pensar

Em viver com sombras gêmeas de repente,

Por favor, não nos perturbe com uma ideia que,

Está claro, é louca completamente”.

E, assim, a pobre sombra continuou sozinha,

Seus passos cada vez mais lentos se tornaram.

Apenas podia arrastar os pés, um de cada vez,

E suas costas não mais se endireitaram.

Chegou a uma colina e começou a subir,

Esperando no topo descansar a sua dor.

Sua ilusão de libertar-se de leis e controles

Tinha perdido todo vestígio e sabor.

Chegando ao fim de sua trabalhosa escalada,

Para sua surpresa e alegria, ela encontrou

Seu dono grandalhão sentado à sombra de uma árvore,

Que com seus olhos observou-a e questionou.

“Ora, disse o rapaz, posso dizer que você

Com aspecto jubiloso não ficou.

Pensei que sua vida estivesse transbordante de alegria

Quando de mim você se afastou”.

“Oh“, a sombra chorou, “sem sarcasmos agora, por favor.

Estou muito fraca para um ataque suportar.

Você sempre soube que sozinha eu ia falhar

Eu imploro, por favor, deixe-me voltar”.

“Não foi fácil, posso ver”, disse o rapaz,

“Acho que essa lição você aprendeu.

Muito bem, se você pensa agora que deve viver com as regras

Mais uma chance, eu acho, você mereceu”.

Com gratidão e alegria, a sombra novamente

Bem junto a seu dono se ligou.

Em seguida, sentiu uma sensação de força e de bem estar

E com calor seu ser se impregnou.



Depois, para cima e para baixo da colina, ambos correram.

Seus passos e seus pulos eram compactos;

O rapaz guiando, ensinando como ir;

A sombra, sem erro algum, a seguir.

E nunca mais a sombra quiz tentar

O mundo conquistar por si somente;

Como lhe é mostrado, ela assim vai copiar

Seguindo as leis de sua espécie, fielmente.

☆☆☆☆☆☆☆☆

## SAPATOS DOURADOS

Era uma vez, uma Princesa com pés doloridos, que morava num castelo rodeado por altas muralhas de pedra e um fosso guardado por um dragão. Seus pés estavam sempre doloridos. Doíam quando ela usava chinelos. Doíam quando usava sapatos de baile ou sapatos para caminhar, sapatos de escola ou sapatos de domingo. Doíam quando usava sapatos novos, doíam quando usava sapatos velhos. Doíam quando usava botas na neve, galochas na chuva, sandálias ao sol ou tênis nos intervalos.

A Princesa não gostava de andar, correr ou saltar, porque sempre que fazia essas coisas seus pés doíam. Não gostava de pular corda, disputar uma corrida, brincar de boca de forno ou de amarelinha, porque quando fazia essas coisas, seus pés doíam. Não gostava de passear no bosque, arrastar os pés nas folhas caídas do outono, andar nas águas dos regatos ou correr na areia, porque quando fazia essas coisas, seus pés doíam.

A Princesa só gostava de sentar-se e ler, sentar-se e comer, deitar-se e dormir, deitar-se e ficar sem fazer nada, porque quando fazia essas coisas, seus pés não doíam. Ela só gostava de ser carregada na sua liteira, passear na sua carruagem ou ser carregada para cima e para baixo nas escadas por um laçaió, porque quando fazia essas coisas, seus pés não doíam.

Mas, como a Princesa passava muito tempo sentada e deitada, sendo sempre carregada e quase nunca andando, correndo ou subindo escadas, ela fazia muito pouco exercício. E, porque fazia muito pouco exercício, engordava. Embora os cortesãos não lhe dissessem nada, comentavam bastante quando ela virava as costas.

— Você notou como a Princesa está engordando? – perguntavam uns aos outros. A Princesa está ficando muito gorda, contavam para seus parentes em outras partes do país, quando iam visitá-los.

O Rei e a Rainha estavam muito preocupados com a princesa e seus pés doloridos. Estavam muito preocupados porque ela estava engordando tanto.

Eles não gostavam de vê-la sentada e deitada em todos os lugares e ser carregada para todos os lugares. Eles queriam que ela andasse, corresse e subisse escadas. Eles queriam que ela emagrecesse. Eles queriam que ela se apoiasse em seus próprios pés.

Até que um dia, o Rei resolveu oferecer uma recompensa a quem pudesse ajudar a Princesa. Mandou mensageiros para os quatro cantos da Terra, proclamando que daria a mão de sua filha em casamento, a quem conseguisse fazer passar a dor de seus pés.

Depois que os mensageiros do Rei espalharam a notícia, sapateiros de terras distantes começaram a chegar ao castelo.

Um sapateiro trouxe o couro mais macio que o Rei e a Rainha já tinham visto, disse que se a Princesa usasse sapatos feitos com aquele couro, poderia subir até a mais alta montanha facilmente, e seus pés nunca mais doeriam.

Então, o sapateiro tomou cuidadosamente as medidas dos pés da Princesa e fez um par de sapatos tão leves, que não pesavam mais que uma folha, e tão macios que podiam ser dobrados de todos os lados e enrolados como uma bola.

Mas, quando a Princesa os calçou, ela gritou:

— Ai! Chorou. Ai! Ai! Eles machucam! Eu não aguento! Tirem!

O sapateiro ficou aflito. O Rei e a Rainha ficaram aflitos. Os cortesãos ficaram aflitos. A Princesa continuava a chorar.

— Tirem! tirem! Eu não os aguento!

Então, um velhinho com longos cabelos brancos e uma longa barba branca se apresentou. Era o mais sábio dos conselheiros do Rei.

— Majestade, disse, é o couro do qual os sapatos foram feitos que está machucando a Princesa. O couro vem de animais que foram mortos para se poder obtê-lo. Por isso, há muita maldade no couro. A Princesa é sensível e não pôde suportar a dor dessa maldade.

O Rei refletiu sobre as palavras de seu conselheiro.

— Sim, eu entendo, disse por fim.

Então, ordenou ao sapateiro:

— Remova os sapatos.

E o sapateiro não pôde fazer outra coisa senão tirar os sapatos dos pés da Princesa e abandonar o castelo, envergonhado.

No dia seguinte, chegou outro sapateiro. Ele trouxe um rolo da mais linda e macia casca de árvore que o Rei e a Rainha já tinham visto. Disse que se à Princesa, usasse sapatos feitos com aquela casca de árvore, poderia subir até a mais alta montanha facilmente e seus pés nunca mais doeriam.

Então, o sapateiro tomou cuidadosamente a medida dos pés da Princesa e fez um par de sapatos tão leves que não pesavam mais do que uma folha, e tão macios que poderiam servir de travesseiro para a cama da Princesa.

Contudo, quando a Princesa os calçou, ela gritou:

— Ai! chorou. Ai! Ai! Eles machucam! Eu não aguento! Tirem!

O sapateiro ficou aflito. O Rei e a Rainha ficaram aflitos. Os cortesãos ficaram aflitos. A Princesa continuava a chorar.

— Tirem! Tirem! Eu não aguento!

Então, o velhinho de longos cabelos brancos e longa barba branca se apresentou de novo.

— Majestade, disse, é a casca da árvore da qual os sapatos foram feitos que está machucando a Princesa. A casca da árvore é realmente muito macia e muito bonita, mas não é muito resistente e os sapatos não iriam durar muito. A Princesa é sensível e não pôde suportar a dor dessa fraqueza.

O Rei refletiu sobre as palavras de seu conselheiro.

— Sim, eu entendo, disse por fim.

Então, ordenou ao sapateiro:

— Remova os sapatos.

E o sapateiro não pôde fazer outra coisa senão tirar os sapatos dos pés da Princesa e abandonar o castelo, envergonhado.

No terceiro dia, chegou outro sapateiro. Ele trouxe um pedaço de vidro tão claro que brilhava ao sol da manhã. Disse que se a Princesa usasse sapatos

feitos com aquele vidro, poderia subir até a mais alta montanha facilmente e seus pés nunca mais doeriam.

Então, o sapateiro tomou cuidadosamente a medida dos pés da Princesa e fez um par de sapatos que eram transparentes como cristal e brilhavam ao sol da manhã.

Mas, quando a Princesa os calçou, ela gritou:

— Ai! chorou. Ai! Ai! Eles machucam! Eu não aguento! Tirem!

O sapateiro ficou aflito. O Rei e a Rainha ficaram aflitos. Os cortesãos ficaram aflitos. À Princesa continuava a chorar.

— Tirem! Tirem! Eu não aguento!

Então, o velhinho de longos cabelos brancos e longa barba branca se apresentou mais uma vez.

— Majestade, disse, é o vidro do qual os sapatos foram feitos que está machucando a Princesa. O vidro é realmente transparente como cristal e brilha ao sol da manhã, mas é muito duro. Nada pode passar através dele. Nada de bom, que está do lado de fora pode vir para dentro, e nada de ruim que possa estar por dentro, pode sair. A Princesa é sensível e não pode suportar a dor dessa dureza.

O Rei refletiu sobre as palavras de seu conselheiro.

— Sim, eu entendo, disse por fim.

Então ordenou ao sapateiro:

— Remova os sapatos.

E o sapateiro não pode fazer outra coisa senão tirar os sapatos dos pés da Princesa e abandonar o castelo, envergonhado.

Então, a Princesa ficou tão infeliz que ordenou ao lacaio que a levasse para cima, onde ela se reclinou em sua cama e comeu uma caixa inteira de doces.

O Rei e a Rainha estavam tão infelizes que não comeram nada, mas passaram o resto do dia na biblioteca consultando manuscritos antigos, quase desfeitos, esperando encontrar algo que orientasse o que fazer para pés doloridos. Os

cortesãos estavam tão infelizes que comeram um farto jantar em silêncio, na sala de banquetes, e depois foram para seus quartos, dormir.

Somente o velhinho de longos cabelos brancos e longa barba branca não estava infeliz. Ele deixou o castelo quando os cortesões estavam jantando e ninguém o viu sair. Ele voltou quando os cortesãos estavam dormindo e ninguém o viu voltar.

Contudo, no dia seguinte, quando a Princesa, o Rei, a Rainha e os cortesãos estavam tomando o café da manhã, um jovem estranho entrou na sala de banquetes. Ele era alto, garboso, belo, seu andar era firme, seu olhar doce. Seu rosto resplandecia como se fosse feito da luz do sol e seu sorriso iluminava toda a sala. Era Jovem, mas havia nele qualquer coisa que fazia com que ele parecesse ter mais sabedoria do que sua idade aparentava.

Ele se inclinou diante do Rei, da Rainha e da Princesa, saudou graciosamente os cortesãos e perguntou se ele podia acompanhá-los no café da manhã, enquanto lhes contava sua história. Deram-lhe um lugar de honra na mesa, entre o Rei e a Princesa, uma taça de ambrosia e uma colher de prata foram colocadas diante dele.

Depois de ter comido, ele disse à Rainha que a ambrosia era a mais deliciosa que já tinha saboreado, e começou a sua história:

— Eu sou um sapateiro da Terra do Sol, e tendo ouvido as palavras de seus mensageiros, eu também gostaria de ter a honra de tentar obter a mão da Princesa em casamento.

— A Terra do Sol! exclamou o Rei, atônito. Mas a Terra do Sol é inacessível para nós. Nenhum habitante da Terra pode cruzar suas fronteiras. Meus mensageiros não poderiam ter entrado nesse reino de luz.

— É verdade, Majestade, concordou o sapateiro. Nenhum mortal pode agora entrar na Terra do Sol, embora algum dia todos os homens viverão lá conosco. Mas nós, da Terra do Sol, sabemos de tudo que acontece na Terra, e há muito tempo que sentimos pena da Princesa por sua aflição. Agora que vocês pediram auxílio, estamos ansiosos por ajudar. Recebi permissão do Rei da

Terra do Sol para confeccionar um par de sapatos para a Princesa, com os quais ela poderá subir até a mais alta montanha facilmente. Se ela usar estes sapatos, seus pés nunca mais doerão.

O Rei olhou para o sapateiro longa e pensativamente.

Depois disse:

— A Princesa experimentou muitos sapatos e teve muitas decepções desde que meus mensageiros saíram. Eu não desejo que ela fique novamente decepcionada. Mas, como você é da Terra do Sol, talvez seus sapatos lhe deem o alívio que ela espera. Vou deixar que ela decida.

Voltou-se para a Princesa e disse:

— Minha filha, você ouviu as palavras deste sapateiro e sabe de que lugar ele veio. Você quer experimentar seus sapatos?

— Quero, Papai, disse a Princesa com um leve sorriso. Se um sapateiro da Terra do Sol não puder fazer os sapatos que eu preciso, ninguém mais poderá. Por favor, deixe-o tentar.

— Muito bem, disse o Rei, pode fazê-lo.

Então, o sapateiro tomou cuidadosamente a medida dos pés da Princesa e disse que tinha que ir à floresta que cercava o castelo, para buscar o material com o qual faria os sapatos. O Rei, a Rainha, a Princesa e os cortesãos, muito intrigados, o seguiram.

No meio da floresta havia um círculo encantado, onde a Princesa frequentemente pedia para ser levada em sua liteira. Aí, o sapateiro parou. Andou lentamente ao redor do círculo, tocando delicadamente cada uma das árvores que o circundavam e, quando já havia feito toda a volta, foi até ao centro do círculo e levantou os braços em direção ao Sol. Ao fazê-lo, um raio de sol o envolveu e ele desapareceu na Terra.

O Rei, a Rainha e os cortesãos abafaram um grito, consternados, mas antes que pudessem fazer alguma coisa, a não ser olhar uns para os outros, o sapateiro reapareceu no centro do círculo. Em suas mãos havia um pedaço de ouro que tinha saído do fundo da Terra.

Ele segurou o ouro à luz do sol e ele brilhou e cintilou. Parecia receber os raios da luz do sol e refleti-los. O sapateiro mergulhou o pedaço de ouro no frio regato da montanha que corria suavemente por ali, e depois deixou-o secar, segurando-o contra a fresca brisa que soprava.

Depois começou a amassar o pedaço de ouro com os dedos e, ante os olhos espantados de todos que estavam observando, o pedaço de ouro transformou-se em um par de sapatos de ouro.

O sapateiro ajoelhou-se na frente da Princesa e delicadamente calçou-lhe os sapatos.

A Princesa deu um passo, cautelosamente, depois outro. Seus olhos se arregalaram e os cantos de sua boca se transformaram num pequeno sorriso, que não sabia de que tamanho iria ficar.

— Eles servem, murmurou.

O Rei e a Rainha olharam-se felizes e alguma coisa parecida com um suspiro veio de todos os cortesãos, que tinham estado segurando a respiração.

— Ande um pouco mais, Alteza, insistiu o sapateiro. Ande em volta do círculo.

Então, a Princesa deu uma volta inteira no círculo encantado, a princípio devagar, mas, gradualmente, foi mais depressa, mais depressa, até que no fim estava quase correndo.

— Eles servem mesmo! exclamou. Meus pés não doem nada!

Depois, ela olhou para o sapateiro e o pequeno sorriso em seu rosto tornou-se radiante. Os cortesãos nunca tinham visto sua Princesa tão bonita.

— Eu vou subir a montanha, ela disse ao sapateiro, que fez um sinal que sim.

— Eu vou com você, ele disse.

— Você tem certeza de que está preparada para isso, meu bem? – perguntou o Rei, avançando para impedi-la.

Contudo, antes que ele pudesse segurar sua mão, a Princesa se virou e correu pelo bosque em direção à mais alta montanha. O sapateiro, correndo também, alcançou-a facilmente, e o Rei e a Rainha, que os seguiam, não estavam longe



deles. Atrás do Rei e da Rainha vinha uma longa fila de cortesãos, alguns correndo, alguns andando, e alguns apenas conseguindo avançar um pouco. A Princesa e o sapateiro logo chegaram à base da montanha e começaram a subir. A encosta era inclinada e rochosa e, em muitos lugares, parecia impossível encontrar um lugar para colocar o pé. Mas, para os que estavam olhando, parecia que a Princesa e o sapateiro tinham asas nos pés, pois eles mal tocavam o chão, pulavam de rocha em rocha até que desapareceram de vista.

O Rei e a Rainha, que podiam tê-los seguido, ficaram na base da montanha. Nenhum dos cortesãos teve coragem de tentar a subida inclinada.

Quando a Princesa e o sapateiro chegaram ao topo, a Princesa olhou ao redor e ficou extasiada. Lá, abaixo deles, até onde a vista podia alcançar, estavam todas as terras, oceanos e rios do mundo. Havia florestas de pinho verde-escuro e bosques verde-claro de álamos e choupos. Havia picos de montanhas cobertos de neve que refletiam a luz do Sol, torres e torreões de castelos distantes. Os oceanos eram azuis escuro e rios serpejavam pelo mundo como fitas de prata. Havia muitas manchas de cores vivas onde flores se abriam. Acima da linha do litoral, muito longe, havia nuvens escuras de onde caía uma chuva prateada e, ainda mais longe, havia um magnífico arco-íris.

Enquanto a Princesa e o sapateiro estavam olhando, uma águia solitária voando abaixo deles, mas muito acima da Terra onde o Rei, a Rainha e os cortesãos estavam esperando, levantou as asas como se estivesse saudando-os e continuou seu voo.

Por muito tempo, a Princesa ficou olhando o mundo sem dizer nada. Depois, deu um grande suspiro e virou-se para o sapateiro.

— É lindo, murmurou. Gostaria que todos pudessem ver o mundo como ele realmente é.

— Algum dia eles o verão, garantiu o sapateiro. Seu pai e sua mãe já o viram e há outros que logo irão subir na montanha mais alta, com sapatos iguais aos seus. Aos poucos, todas as pessoas da Terra o farão.

Depois, de mãos dadas, a Princesa e o sapateiro desceram a montanha e foram calorosamente recebidos pelos que estavam esperando embaixo.

Logo no dia seguinte, a Princesa e o sapateiro da Terra do Sol se casaram.

Construíram um castelo no topo da mais alta montanha, onde não havia necessidade de muralhas, nem fosso guardado por um dragão, e moraram nesse castelo por muito mais luas do que o mais brilhante matemático da Terra poderia contar.



## NUVEM RUIDOSA

A nuvenzinha cinza-claro estava muito infeliz. Ela era tão pequena e tão cinza-claro. Nos dias bonitos, ela mal podia ser vista por causa do brilho do sol e do resplandecente céu azul. Nos dias feios, ela mal podia ser vista porque todas as grandes nuvens escuras de tempestade a empurravam para fora do caminho.

A nuvenzinha cinza-claro queria tanto ser uma nuvem ruidosa. Queria ser escura e assustadora e fazer com que todos que a vissem fugissem e se escondessem.

Mas, mesmo que se esforçasse muito por mudar, continuava exatamente do jeito que era. Mesmo que se esforçasse muito para ficar escura, continuava exatamente o mesmo cinza-claro. Mesmo que se esforçasse muito para ser barulhenta, continuava silenciosa como sempre.

Derramava algumas lágrimas, esperando que, ao menos, elas causassem um pouco de chuva, mas apenas caíam dois ou três pingos que nem eram percebidos pelas pessoas lá embaixo. A pobre nuvenzinha ficava cada vez mais infeliz.

Por fim, as sílfides e as salamandras que vinham observando a nuvenzinha, não aguentaram mais vê-la assim infeliz. Se puseram a trabalhar. A nuvenzinha ficou muito animada ao ver que estava ficando cada vez mais escura. Ventos sopravam em volta dela e clarões de relâmpagos e tremendos estrondos de trovões vinham deles. Uma chuvarada caía dela para a Terra. A nuvenzinha cinza-claro tinha se tornado uma nuvem ruidosa.

Então, veio uma tempestade. As pessoas lá embaixo disparavam para suas casas ou abriam os guarda-chuvas. As senhoras que mexiam nos jardins corriam para dentro. As pessoas que assistiam ao jogo de futebol, colocavam

jornais na cabeça. Às estradas ficaram molhadas, os carros ficaram molhados, e os policiais que dirigiam o trânsito ficaram encharcados.

Ninguém podia acreditar que toda aquela chuva, raios e trovões vinham daquela nuvenzinha. Não conseguiam entender como ela era tão escura e barulhenta, quando tudo em volta no céu era azul.

Cientistas corriam para fora de seus laboratórios para examinar seus aparelhos. Mas, os aparelhos só lhes diziam que havia uma nuvem ruidosa no céu, o que eles já sabiam. Os aparelhos não diziam por que uma nuvenzinha ruidosa estava provocando tamanha tempestade, quando todo o céu estava azul.

A nuvem ruidosa, sentindo-se muito poderosa e muito barulhenta, choveu, trovejou e relampejou até que tudo de fora ficou encharcado e tudo de dentro ficou muito quente, porque as janelas estavam fechadas.

Depois, ela se afastou da cidade e foi para o campo. Encontrou um prado de margaridas, crisântemos e rainhas-margaridas, todas murchas e tristes porque não tinham recebido chuva há muitas semanas. A nuvem ruidosa era bastante grande para chover em todo o prado, o que ela fez com prazer. As flores estavam com sede e beberam e beberam. Logo levantaram as cabeças, estenderam suas folhas, realmente muito agradecidas à nuvem ruidosa.

A nuvem ruidosa passou acima das montanhas. Ali ela encontrou algumas nuvens enormes, escuras, carrancudas e frias. Elas riram quando a nuvenzinha apareceu. Acharam que ela era uma nuvenzinha muito boba, tentando achar um lugar entre elas que eram tão grandes e poderosas.

Mas, quando a nuvenzinha deixou cair uma nova chuvarada e alguns trovões de quebrar os tímpanos, elas pararam de rir.

— Nada mau, disseram com admiração. Nada mau mesmo.

A nuvenzinha também achou que estava muito bem, quando viu sua chuva se transformar em chuva de pedra no alto das montanhas. Ela ribombou, troou e fez tanto barulho quanto pode, e as montanhas lá embaixo pareciam mesmo sombrias e assustadoras.

Pouco depois, a nuvenzinha, ainda chovendo, dirigiu-se para o deserto. É claro que todos sabiam que no deserto nunca chovia nessa época do ano.

— Meu Deus! exclamou um professor que estava examinando um cacto com uma lente e nem imaginava que uma nuvem ruidosa pudesse estar a menos de 800 km de distância.

— Santo Deus! exclamou um viajante, com uma mochila nas costas, que estava com muito calor, muita sede e desejando poder ter mais água no seu cantil.

— Por Deus! exclamou um senhor enorme, gordo que estava tomando sol ao lado da piscina e estava todo satisfeito antes de se encontrar, de repente, ensopado da cabeça aos pés.

A nuvem ruidosa move-se daqui para lá sobre o deserto, fazendo com que muita gente ficasse olhando para o céu, sem acreditar o que estava acontecendo e, quando ficaram encharcados, disseram:

— Isto não está acontecendo!

Finalmente, depois de atravessar todo o país, a nuvem ruidosa se achou sobre uma das grandes cidades perto do oceano. Ela já estava ficando cansada, mas ainda queria produzir uma tempestade gigantesca. Juntando todas as suas energias, relaxou-se com um relâmpago que iluminou todo o céu e um violento ribombar de trovão e de chuva muito forte.

As pessoas nos escritórios fecharam as janelas rapidamente. As pessoas que estavam lavando os carros fecharam as torneiras e correram para dentro. As crianças que estavam no recreio voltaram correndo para dentro da escola.

A nuvem ruidosa fez tanto barulho que as pessoas não podiam ouvir seus rádios. As crianças não podiam ouvir as professoras ensinando aritmética.

Os cachorros não podiam ouvir seus donos chamá-los. As secretárias não podiam ouvir os chefes ditando. Um maestro, que estava ensaiando um concerto, não podia ouvir a música que sua orquestra estava tocando.

A nuvem ruidosa continuou com seu terrível temporal de raios e trovões por dez minutos. Foi o suficiente para que os meteorologistas pudessem descobrir que nenhum de seus mapas geográficos, aparelhos, livros e artigos científicos explicassem porque uma nuvenzinha escura podia estar isolada em um céu azul e causar tanta agitação.

Repórteres de televisão e de jornal, excitados, escreveram artigos sobre o tempo mais incrível daquele dia. Um avião cheio de cientistas já tinha deixado a capital e estava perseguindo aquela estranha nuvem ruidosa que estava causando tanta perturbação.

Mas, a nuvem ruidosa, muito orgulhosa de si mesma, satisfeita e feliz, estava também muito cansada. Já chegava. Tinha sido muito feliz por ter seu desejo satisfeito e ter sido uma nuvem ruidosa por algum tempo. Agora, estava bem contente para voltar a ser uma nuvenzinha comum cinza-claro, vagando no céu, quase despercebida.

Agradeceu às sílfides e às salamandras por sua grande ajuda e flutuou preguiçosamente por cima do oceano. Em breve, bem alto no céu, ela desapareceu da vista das pessoas. A nuvenzinha cinza-claro tinha passado um dia muito feliz, do qual nunca mais se esqueceria.



## A ÁRVORE GANANCIOSA

— Sr. Pica-pau, disse a macieira, será que você pode fazer à gentileza de bicar uma abertura no meu tronco, o suficiente para caber uma moeda?

— O Que?

O Pica-pau parou no meio de uma bicada, deixando escapar o inseto que estava pegando. Ficou olhando para os galhos da macieira.

— Para que você quer uma fenda no seu tronco? Normalmente eu não posso picar buraquinhos tão pequenos que agradem vocês, árvores.

— Eu sei, eu sei, disse a árvore impacientemente, mas isto é diferente. Neste ano eu vou cobrar uma moeda por cada uma de minhas maçãs. Elas estão quase maduras e eu preciso dessa fenda depressa.

— O que? disse novamente o Pica-pau. Você perdeu o juízo?

— Ao contrário, disse a árvore. Agora é que eu *achei* meu juízo. Toda minha vida, os seres humanos têm encontrado escadas bem na minha cara e subido em cima de mim por todos os lados, arrancando minhas maçãs sem pedir licença. E o que é que eu ganhei com isso? Nada!

A árvore fez uma cara tão feia que um sabiá que ia pousar em seus galhos, fugiu depressa.

— Nada? duvidou o Pica-pau. Você não se sente bem, por dentro, por saber que as pessoas gostam de comer seus frutos, os quais lhes dão saúde? O pessegueiro se sente bem.

— O pessegueiro é um sentimental exagerado, respondeu a macieira. O que você pode fazer com “*sentir-se* bem por dentro?”, Você não pode *usar* isso. Você não pode *comprar* nada com isso. Se eu cobrar uma moeda por cada maçã, eu vou poder comprar muitas coisas.

Mais uma vez, o Pica-pau olhou duro e longamente para os galhos da macieira.

— Eu acho que você está louca, ele afirmou.

— Faça-me um favor, disse a árvore. Poupe-me a análise psicológica e comece a fazer a fenda.

O Pica-pau continuou a olhar fixo para a árvore e por tanto tempo, que finalmente a árvore disse, impaciente:

— Você sabe o que é uma fenda, não sabe? Você conhece essas máquinas automáticas nos postos de gasolina nas estradas. Elas têm...

— Sim, eu sei o que são fendas e já vi as máquinas automáticas nos postos de gasolina. Coisas horríveis. Todas de metal e vidro, sem raízes na terra e sem folhas por cima.

— É claro que elas não têm raízes nem folhas. A árvore parecia desgostosa. Elas são produtos da civilização. E eu também vou ser um produto da *civilização*. Eu vou ser rica. *Por favor*, você quer começar agora a fazer a fenda?

— Oh! Muito bem. O Pica-pau suspirou e sacudiu a cabeça. Acho que não adianta pedir para você desistir dessa bobagem. Você vai ter que aprender por um caminho mais duro. Onde é que você quer a fenda?

— Bem embaixo, disse a árvore, onde os humanos possam alcançá-la. Principalmente as crianças. São elas que pegam mais as minhas maçãs.

— E isso não faz você feliz? Você não fica feliz sabendo que todas essas crianças vão ter mais saúde comendo as suas maçãs?

— Não, isso não me faz feliz, rosnou a árvore. Mas eu vou ficar feliz se pagarem as minhas maçãs. É agora você quer trabalhar?



— Muito bem, disse o Pica-pau, mas lembre-se, foi você que pediu. Isto vai doer.

— Não tem importância, disse a árvore. Eu aguento. Nada mais vai doer quando eu ficar rica.

— Há! zombou o Pica-pau e começou a trabalhar vingativamente.

Ele não estava se sentindo delicado, e não tentou ser delicado. Ele picou com força, ele picou fundo e ele picou rápido. R-a-tat, rat-a-tat, fazia seu bico afiado, e a árvore sentiu como se tivesse uma dúzia de abelhas picando o seu braço ao mesmo tempo.

— Aaai, gemeu a árvore. Você precisa ser assim tão cruel?

— Eu disse que ia doer, disse o Pica-pau indiferentemente. Você quer que eu pare?

— Não! exclamou a árvore. Eu posso aguentar. Continue, continue!

Então, o Pica-pau continuou, ra-a-tat-rat-a-tat, cada vez mais depressa, cada vez mais forte. A árvore se encolheu, estremeceu, gemeu e sofreu, mas não gritou, nem chorou ou se queixou. Em vez disso, dizia:

— Nada mais vai doer quando eu ficar rica.

— Puah! disse por fim o Pica-pau, cuspiendo um pedaço amargo da casca da árvore. Já está pronto. Espero que você esteja satisfeita.

— Oh! sim, disse a árvore. Muito obrigada. Está perfeito. Agora você pode também esculpir '10 centavos' embaixo da fenda? Os humanos não saberiam para que é a fenda se não lhes for explicado.

— Devo admitir que você me espanta, admirou-se o Pica-pau. Você pensa realmente que só porque está escrito '10 centavos' embaixo de uma fenda no seu tronco, as pessoas vão colocar uma moeda dentro, toda vez que quiserem uma maçã?

— Claro, disse a árvore. Eles estão condicionados a colocar dinheiro nas fendas para qualquer coisa. Não tem problema!

— Há! bufou o Pica-pau outra vez. Acho que você está a caminho de um triste despertar. Além disso, você vai ficar desfigurada se começar a ter preços gravados no seu tronco.

— Eu não me importo, disse a árvore. Vale a pena, quando eu ficar rica não vai fazer diferença.

Então, o Pica-pau começou de novo a trabalhar. Rat-a-rat, Rat-a-tat. De novo a árvore se encolheu, estremeceu, gemeu e sofreu, mas de novo não gritou, nem chorou ou se queixou. Em vez disso, ficou dizendo de novo:

— Nada mais vai doer quando eu ficar rica.

Finalmente, o Pica-pau acabou.

— Puah! disse cuspiendo outro pedaço da casca da árvore. Aí está. Uma fenda e escrito ‘10 centavos’, E eu não vou fazer mais nada. Estou cansado desse negócio. Adeus!

— É tudo que eu preciso, gritou a árvore quando o Pica-pau foi embora voando. Obrigada!

— Hum! disse o Pica-pau. Árvore idiota! Ela vai se arrepender. Mas a árvore não ouviu.

Uma semana depois, duas crianças vinham alegremente pela estrada, carregando uma cesta.

— É aquela a árvore, disse a maior. E as maçãs estão maduras. Eu vou subir e jogar as maçãs pra você.

— Ah! pensou a árvore, meus primeiros fregueses. Vejam como o dinheiro vai correr agora.

A árvore tinha um sorriso tão desagradável na sua cara, que um azulão, que ia pousar nos seus galhos, voou rápido para longe.

— Hei, veja! chamou a criança menor. O que é isto?

Ela apontava para a fenda no tronco da árvore.

— Ahn! disse a maior, observando com atenção. É – é uma fenda e embaixo está escrito 10 centavos. Acho que é para a gente colocar uma moeda por cada maçã.

— Mas nós não temos uma moeda por cada maçã, protestou a menor. Nós não temos nem mesmo uma moeda.

— Eu sei, disse a maior. Bem, vamos. Lá está outra macieira que não tem fendas. Podemos tirar nossas maçãs dela.

Então, as duas crianças foram pela estrada balançando a cesta entre elas.

— Pequenos miseráveis, rosnou a árvore. Tinha uma expressão tão sem caridade em sua cara, que um sabiá, que ia pousar nos seus galhos, voou rápido para longe.

Um homem velho vinha pela estrada, apoiado numa bengala e carregando um saco de estopa nas costas. Ficou em frente da árvore, pousou o saco e a bengala com um suspiro.

— Ah! Pensou a árvore. Outro freguês. *Agora* o dinheiro vai correr.

— Oh! Meu Deus, disse o velho, que caminho comprido. Mas, se eu puder encher o saco com maçãs, valeu a pena. O que é isto?

O velho tirou seus óculos do bolso e colocou-os no nariz. Pôs a cara bem perto do tronco da árvore e leu ‘10 centavos’.

— 10 centavos? exclamou. 10 centavos por cada maçã? Bem, eu não posso pagar isso. Já tenho bastantes problemas para o dinheiro chegar. Acho que vou ter que ir até aquela outra árvore do caminho. Lá não tem fendas.

Lentamente, o velho se curvou, recolheu o saco e a bengala. Depois, foi pela estrada apoiado na bengala e carregando o saco nas costas.

— Pão duro! rosnou a árvore. Tinha um sorriso tão desagradável na sua cara, que um melro, que ia pousar nos seus galhos, voou rápido para longe.

Nesse momento, um carro preto grande parou na beira da estrada. Um homem careca com um terno caro desceu do carro, e uma senhora de cabelos brancos penteados para cima e usando um vestido caro desceu pela outra porta.

— É esta a árvore, meu bem, disse o homem. Parece que está carregada de maçãs.

— Ah! pensou a árvore. Estas pessoas são ricas.

Agora eu vou ganhar um bom dinheiro.

— Mas, olhe aqui, disse a senhora em voz alta, lamuriando-se. Aqui diz 10 centavos. Vamos ter que por 10 centavos na fenda por cada maçã. Nunca vi uma coisa assim.

— Que abuso! exclamou o homem. Eles devem pensar que somos feitos de dinheiro. Venha, meu bem. Há outra macieira sem fendas, mais adiante.

Vamos pegar nossas maçãs, lá.

Então, o homem com o terno caro e a senhora com o vestido caro entraram de novo no carro e partiram numa nuvem de poeira.

— Avarentos! rosnou a árvore. Tinha uma expressão tão pouco amigável na sua cara, que um papa-figo, que ia pousar nos seus galhos, voou rápido para longe.

Logo depois, um furgão parou na beira da estrada. Um pai uma mãe e seis crianças pularam para fora.

— É esta a árvore, papai? perguntou a menininha menor.

— É esta mesma, disse o pai. Tirem a escada da furgão, meninos. Vamos ter bastante trabalho.

— Ah! pensou a árvore. Uma família numerosa. Agora sim, vou ganhar dinheiro.

O rapaz mais velho encostou a escada na árvore e, de repente, parou.

— Ei! venham cá, chamou, apontando para o tronco da árvore.

— O que foi, filho? perguntou o pai. Puxa! Não acredito! Uma fenda para moedas! Querem uma moeda para cada maçã!

— 10 centavos por cada maçã. Nós somos oito, se cada um de nós apanhar 50 maçãs, serão 400 moedas, disse a menina maior que era bamba em aritmética. Nós temos 400 moedas?

— Não, nós não temos 400 moedas, disse o pai. E, se tivéssemos, não iríamos gastá-las assim. Todo mundo para o furgão. Há outra macieira sem fendas, mais adiante. É lá que vamos fazer a nossa colheita.

Então, o pai, a mãe e os seis filhos se ajeitaram no furgão e partiram numa nuvem de poeira.

— Unhas de fome! rosnou a macieira. Tinha uma expressão tão mesquinha na sua cara que um corvo, que ia pousar em seus galhos, voou rápido para longe.

E, assim, foi por todo o outono. Nenhum humano apanhou nenhuma maçã daquela árvore. Nenhum quati subiu na árvore para pegar um bom petisco, e nenhum pássaro deu sequer uma bicada em uma maçã. Até os insetos, quando sabiam o que estava acontecendo, rastejavam para longe da árvore e não ligavam para as maçãs. Aos poucos, as maçãs endureceram, murcharam e caíram. No chão estavam as frutas de um ano inteiro, escurecidas e podres — coisas mortas, espalhadas, desprezadas.

Tudo tinha dado errado para a macieira. Ela não ficou rica. Em vez de ter centenas de moedas, não tinha sequer uma. E o que era muito pior, ninguém gostava dela. Os seres humanos a ignoravam e os animais e pássaros ficavam longe dela. Outras árvores e plantas que tinham sido suas amigas, a ignoravam. Pela primeira vez, a macieira sentiu o que era a solidão. Finalmente, parou de rosnar e começou a chorar.

— Por que eu fui tão gananciosa? chorava. Eu queria ser rica de dinheiro, quando eu já era rica de amigos e frutos. Agora, eu não sou rica de nada. Eu sou tão pobre, eu não tenho nada.

Mas, sem que a árvore soubesse, uma das maçãs não tinha caído. Pendurada no galho mais baixo, aninhada junto ao tronco e escondida pelas folhas, estava uma maçã grande, brilhante, vermelha, que cada dia ficava mais doce, mais suculenta e mais deliciosa.

Uma manhã, quando o Pica-pau voou por perto, mas sem dirigir-lhe uma palavra, a árvore chamou-o:

— Sr. Pica-pau, eu sei que o senhor está desgostoso comigo e o senhor tem razão. Mas será que o senhor pode dar um jeito de me fazer um favor?

Relutante, o Pica-pau parou o seu voo.

— Um favor? perguntou. Eu lhe fiz um favor antes e veja no que deu! Agora, o que é que você quer?

— Por favor, risque a fenda e o letreiro de 10 centavos do meu tronco, pediu a árvore.

— Você não os quer mais? perguntou sarcástico o Pica-pau.

— Não, eu não os quero mais, disse a árvore, quase chorando. De agora em diante, vou dar as minhas maçãs. Nunca mais vou cobrar por elas. Talvez eu nem tenha maçãs o ano que vem. Eu não mereço. Mas se eu as tiver, eu quero que as pessoas vejam que já não existe mais a fenda.

— Hummmm, disse o Pica-pau, olhando fixamente para a árvore. Acho que você está mudando seus sentimentos. Mas você deve saber que isto vai doer mais do que na última vez, porque eu vou ter que cortar fundo.

— Eu sei, suspirou a árvore, eu sei. Mas acho que eu mereço isso também. Por favor, pode fazer.

— Então, lá vou eu, disse o Pica-pau. Segure-se.

O Pica-pau começou a trabalhar e doeu. Puxa, como doeu! A pobre árvore se encolheu, estremeceu, gemeu e sofreu, mas não gritou, nem chorou ou se queixou.

— Você tem certeza que já tirou tudo? Não quero que sobre nada da fenda e da inscrição.

— Estou tirando tudo, respondeu o Pica-pau. Mas, você vai ter uma grande ferida exposta na sua casca que vai doer por muitos meses.

— Não tem importância, disse a árvore.

E, quando o Pica-pau acabou, é evidente, ficou uma grande ferida exposta na casca e a árvore sabia que isso ia doer por meses. Mas, ela disse:

— Obrigada Sr. Pica-pau, não posso nem dizer o quanto lhe sou grata por isto. Mesmo que eu não dê maçãs no ano que vem, é maravilhoso estar livre da fenda e do letreiro.

— Não tem de que, respondeu o Pica-pau. Devo dizer que eu me sinto muito melhor tendo que desfazer isso, do que me senti da primeira vez, quando o fiz.

Logo depois, o inverno chegou e, para surpresa de todos, bem antes do tempo. Parecia que quase não tinha havido outono. Numa semana, as árvores ainda tinham folhas, na semana seguinte as folhas já tinham desaparecido, levadas por um vento frio, frio.

Foi aí que os pássaros, os animais, as árvores e os arbustos viram uma maçã grande, brilhante, vermelha, doce, succulenta, ainda pendurada no galho mais baixo da macieira. Os quatis se assombraram, mas não a tocaram. Os pássaros se maravilharam, mas não a picaram.

As árvores e os arbustos ficaram espantados, mas não disseram nada. E a macieira viu, mas teve até medo de acreditar.

Depois caiu uma tempestade de neve por dois dias e duas noites, quando acabou, só o que se podia ver era a neve branca, os galhos marrons e uma maçã grande, brilhante, vermelha, pendurada no galho mais baixo da macieira.

Os quatis tinham que se virar para arranjar comida. Os pássaros que tinham sorte achavam migalhas e sementes jogadas para eles nas fazendas das vizinhanças. Mas, nenhum pássaro ou animal tentou comer aquele misterioso fruto vermelho da macieira.

No dia seguinte da tempestade de neve, viu-se um vultozinho marcando os primeiros sinais na camada funda de neve que ainda cobria a estrada.

Lentamente, com dificuldade, o vulto avançava como se cada passo fosse o último que conseguia dar.

À medida que o vulto se arrastava, alguns centímetros de cada vez, a macieira viu que era um garoto que parecia muito pequeno para estar abrindo caminho na neve. O garoto chegou até a macieira, parou e se encostou nela com todo seu peso.

— Puxa, como eu estou cansado! disse. E também com fome. Daqui até o armazém, ainda tem 1 Km e meio. Não sei se eu vou conseguir.

Nem as árvores, nem as criaturas selvagens que espiavam por trás das moitas, sabiam que a mãe do garoto estava muito doente. Como ela estava de cama, ela não sabia de que altura estava a neve e o quanto seria difícil andar nela.



Por isso, ela tinha pedido a ele que fosse ao armazém comprar comida e remédios, e ele já tinha saído há muitas horas.

O garoto ficou muito tempo encostado na árvore antes de ver a maçã vermelha pendurada no galho mais baixo.

— Ei! exclamou sem acreditar no que seus olhos estavam vendo. Isto é de verdade?

Estendeu a mão e a maçã estava bem na altura para ele pegar. Quando ele a puxou do galho, parece até que ela pulou para a sua mão. A primeira mordida foi doce e suculenta e, logo que a mordeu, sentiu-se ficar mais forte e menos cansado.

— Puxa, como está gostosa! disse o garoto, dando outra mordida. Encostou-se na árvore, saboreando a maçã, e apreciando-a mais do que se lembrava de alguma vez ter apreciado um sorvete, doce, milke-shake ou seu bolo favorito.

Quando acabou, endireitou o corpo.

— Oba! exclamou, já nem estou cansado! Isso é que é uma maçã especial!

Retomou seu caminho, andando muito mais depressa do que antes. Quando ele desapareceu pela estrada, a macieira não teve dúvida de que ele conseguiria chegar ao armazém sem dificuldade.

— Foi uma beleza de maçã que você produziu, disse o Pica-pau que tinha ficado a observar. Parabéns.

— Oh, não, disse a macieira. Não me felicite. Do jeito que eu me comortei, durante todo o verão, eu não merecia ter essa maçã especial no meu galho. Ela me foi dada de presente, só para me mostrar que eu tenho outra oportunidade de não ser egoísta. E acredite, eu não vou desperdiçar essa chance no próximo verão.

Realmente, no verão seguinte a macieira produziu centenas e centenas de lindas maçãs. E, quando estavam no ponto de serem colhidas, vinha gente de muito longe para apanhar aquelas frutas deliciosas. Eles colhiam, colhiam, e cada uma delas parecia perfeita.

— Havia uma fenda para dinheiro nesta árvore, disse alguém um dia, mas já não está mais aqui. Alguém a cortou fora. Isso deve ter machucado a árvore.

“Mas, à essa altura, já não doía mais. Ela estava tão feliz dando seus frutos a todos que os quisessem, que nunca mais sentiu dor.



## FOGO COM AR-CONDICIONADO

Chiado e Faísca, que faziam tudo junto; tinham vivido a maior parte de suas vidas em fogueiras que as pessoas acendiam na praia. Eram Salamandras muito jovens e conheciam muito pouco do resto do mundo, mas, Chiado pelo menos, achava que sabia muito sobre todas as coisas.

Durante todo o verão, Chiado e Faísca tinham pulado de uma fogueira para outra. Competiram para ver quem conseguia provocar a chama mais alta ou a maior faísca. Eram muito bons para aparecer no ar no momento em que um fósforo era riscado, mas nem sempre eram cuidadosos sobre como os fósforos queimavam. Às vezes, o Mestre Salamandra tinha que lhes dar uma boa reprimenda por quase terem queimado os dedos das pessoas e, muitas vezes, tinha que pô-los em terra. Então, eles só podiam arder no carvão, enquanto seus companheiros se divertiam muito nas chamas altas e crepitantes.

Uma noite, Chiado e Faísca estavam no meio de uma fogueira muito grande e muito especial.

— Puxa! exclamou Faísca, diminuindo a língua de uma chama. Que belo fogo. Tomara que eles continuem pondo lenha nele a noite toda.

— Está muito quente, queixou-se Chiado, dando desconsolado um pontapé em uma brasa.

— Muito quente? Faísca olhou para ele espantada.

O que você quer dizer, muito quente? Você sabe que fogo é quente.

— Eu sei, eu sei, disse Chiado, mas gostaria que tivéssemos fogo como esse negócio que as pessoas chamam de ar condicionado. Ele deve refrescar as coisas.

— Ar cond... Você ficou biruta. Você deve ter andado ultimamente rondando muitas chamas azuis.

— Não, não, não, resmungou Chiado. Eu só gostaria que houvesse fogo com ar condicionado, só isso.

E tão fora de propósito?

— Bem, disse Faísca, eu acho que é fora de propósito. Mais ainda, acho que é loucura. Ora, vamos. Esqueça esse estúpido ar condicionado e vamos nos divertir.

— Não, disse Chiado, endireitando os ombros. Eu vou dizer para o Mestre Salamandra que eu quero morar num fogo com ar condicionado. Eles inventaram o raio e inventaram o granizo, com certeza podem inventar fogo com ar condicionado.

— Chiado, disse Faísca. Você está doido! E é melhor não falar com Mestre Salamandra desse jeito. Ele vai pôr você numa chama de vela onde não terá condições de pular para cima e para baixo, de jeito nenhum.

— Não, ele não vai fazer isso, disse Chiado com firmeza. O Mestre Salamandra é esperto. Ele deve saber como fazer um fogo com ar condicionado, Você vai comigo ou está com medo? Faísca suspirou.

— Não, eu não sou covarde, disse, sim, eu vou com você. Nós sempre fazemos tudo junto e eu não vou recuar agora. Mas, continuo pensando que você está louco.

Então, Chiado e Faísca foram procurar Mestre Salamandra, que estava descansando depois de um dia duro, pois esteve reavivando raios de quinze tempestades diferentes. Ele não parecia muito satisfeito em vê-los.

— O que é que vocês, meninos, estão fazendo aqui? perguntou impaciente. Quem está cuidando das fogueiras?

— Oh, os outros estão fazendo tudo direito. Eles não precisam de nós, senhor, respondeu Chiado, o mais respeitosamente que pôde, a fogueira é muito quente. Nós queremos morar num fogo com ar condicionado.

Mestre Salamandra arregalou os olhos para Chiado.

— Misericordiosos Fósforos! exclamou. O que é que esta nova geração vai inventar mais? Em nome de tudo quanto é explosivo, para que você quer um fogo com ar condicionado?

— Senhor, disse Chiado de novo, é que aquela fogueira está muito quente. Um fogo com ar condicionado vai fazê-la ficar mais fresca. O senhor deve saber como fazer isso. Por favor, senhor.

Mestre Salamandra olhou para Faísca.

— Você também está nesta loucura? Perguntou.

— Não senhor, respondeu Faísca. Eu também acho que é loucura. Não existe fogo com ar condicionado. Mas como Chiado e eu sempre fazemos tudo junto, achei que era melhor ficar de olho nele, porque eu acho que ele está ruim da cabeça.

Um som estranho, zangado veio da garganta de Chiado, mas ele engoliu-o.

— Hummmm, hummmm, murmurou Mestre Salamandra pensativamente. Sua preocupação com seu amigo certamente é digna de elogios. Mas, na realidade, existe mesmo fogo com ar condicionado.

— Ah! gritou Chiado, virando-se triunfante para Faísca. Eu não disse? E você disse que eu era louco.

— Contudo, continuou Mestre Salamandra. Não creio que você possa gostar de morar nele. Não é muito confortável.

— Oh, sim, senhor, eu gostaria de morar lá. Por favor, mande-nos para lá, pediu Chiado.

— Você não sabe nada sobre ele, Chiado, avisou Mestre Salamandra.

— Oh, eu sei, senhor, eu sei. Por favor, mande-nos para lá.

Mestre Salamandra ficou pensativo por um longo momento e por fim disse:

— Muito bem, se você insiste. Acho que só vai aprender por experiência própria. Agora, você, Faísca, não precisa ir se não quiser. Você é muito bonzinho em querer vigiar Chiado, mas estou avisando, lá para onde vocês vão, não é agradável.

— Eu — eu suponho que não é, senhor. Mas, de qualquer modo, eu vou com Chiado, disse Faísca lentamente. Eu ainda acho que devo ficar de olho nele.

— Talvez sim, disse Mestre Salamandra, talvez sim. Muito bem, dirijam-se para longitude 158.2 Oeste, latitude 73.4 Norte, amanhã de manhã. Lá vocês vão encontrar seu fogo com ar condicionado.

Duas horas depois, Chiado e Faísca deslizavam rapidamente pelo ar, bem acima da Terra. Eles vinham de muito longe e ainda tinham um longo caminho pela frente. Tinham visto estrelas que nunca viram antes, e tinham corrido sobre correntes de vento nas quais nunca tinham corrido antes.

Uma vez, o caminho deles tinha sido bloqueado pela maior e mais feroz Salamandra que já tinham visto, que reclamou, querendo saber o que eles estavam fazendo no seu território.

Chiado estava tão assustado que nem podia falar, mas Faísca arquejou e conseguiu dizer:

— Nós vamos para a longitude 158.2 Oeste, latitude 73.4 Norte. O Mestre Salamandra nos enviou. Meu amigo quer morar num fogo com ar condicionado e eu vou ficar de olho nele.

Mesmo estando muito assustado, Chiado produziu um som estranho e zangado, mas Faísca e a Salamandra o ignoraram.

— Ele vai precisar mesmo de ter cuidado. Esse garoto biruta — fogo com ar condicionado, bolas! Imagino quem é que vai tomar conta de vocês. Bem, podem atravessar meu território, rapazes. Eu não invejo vocês.

Finalmente, chegaram à longitude 158.2 Oeste, latitude 73.4 Norte e mergulharam para pousar na Terra. O solo estava coberto por uma coisa branca, e as únicas cores que podiam ver por quilômetros ao redor, eram o branco do solo e o cinza de um céu pouco amistoso.

— Como é que isto tudo é tão branco? Perguntou Chiado. Que negócio é este?

— Isto deve ser neve, disse Faísca. Eu ouvi falar nisto. É qualquer coisa como água, só que mais fria. Se você puser muito disto em um fogo, o fogo apaga.

— Ah! estremeceu Chiado. Faz frio também. Brrrr. Eu não gosto daqui. Este não deve ser o lugar certo. Eu não vejo fogo algum.

— É aqui mesmo, sim, disse Faísca, que também não estava contente. Olhe ali.

No chão, havia uma coisa branca com o formato de metade de uma bola de baseball, como as que as crianças humanas jogam nas praias. Um fio de fumaça estava saindo de uma abertura.

— Venha, disse Faísca. É melhor resolver isto.

— Lá? disse Chiado recuando.

— Onde então? Mestre Salamandra disse que a gente não ia gostar disto aqui. Talvez agora você acredite nele. Venha.

Faísca deslizou através daquela construção branca. Chiado não teve outro remédio senão segui-lo. O lugar onde eles entraram era úmido e frio, frio de amargar. Fez os dois Salamandras sentirem-se tão fracos, que nem tiveram energia suficiente para acender um vagalume.

Dentro, muitas pessoas estavam amontoadas em redor de um fogo, que as salamandras acharam sem personalidade alguma. Não troava, não estalava, não subia alegremente pelo ar. Mas, também não era quente, pelo menos comparado com uma fogueira.

— Aí está o seu fogo com ar condicionado, disse Faísca. É justamente o que você queria. Você deve estar contente agora. Não posso entender por que você não parece ser feliz.

— Oh, não amole! resmungou Chiado. Eu não sabia que ia ser assim. Por que este lugar é tão frio?

— Eu pensei que você queria que fosse frio, retorquiu Faísca. Faz frio porque aqui é o Círculo Ártico e nós estamos em um iglu, que é o mais próximo do ar condicionado que se pode ter.

— Como é que você sabe? perguntou Chiado.

— Porque eu presto mais atenção na aula de geografia do que você, disse Faísca indiferentemente. Bem, vamos entrar no fogo. Foi para isso que viemos.

Então, Faísca e Chiado entraram no fogo, mas perceberam que não tinha graça nenhuma. O fogo era tão fraco que Chiado, pulando nele para cima e para baixo, quase o apagou.

— Devagar, avisou Faísca. Você agora não está numa fogueira. Você não pode pular para cima e para baixo como lá.

— Eu sei que não estou numa fogueira, rosnou Chiado, e eu *preciso* pular para cima e para baixo porque eu estou com frio.

— Você queria ficar com frio, lembrou-lhe Faísca, pouco simpaticamente. E se você apagar esse fogo, não haverá mais fogo algum, aí sim, é que você vai sentir frio.

E, com essa feliz observação, Chiado e Faísca acomodaram-se para morar no seu fogo com ar condicionado. Dia após dia, eles se movimentaram com cuidado dentro dele, sem nunca subir ou pular, nunca escorregando pelas línguas de fogo, nunca espalhando faíscas chiando para todos os lados.



Algumas vezes, ficavam com frio e outras ficavam gelados mesmo — mas, certamente, não podiam se queixar de estar com calor!

Até que uma manhã, Chiado não pôde nem se mexer. Ficou encolhido numa brasa e nem prestava atenção à Faísca, que estava fazendo alguns exercícios de aquecimento.

— Vamos, Chiado, levante, insistia Faísca. Você vai ficar mais quente se você se mexer um pouco.

— Está frio demais para eu me mexer, murmurou Chiado, com voz tão fraca que Faísca quase não podia entendê-lo. Eu vou ficar sentado aqui.

Faísca olhou para ele, preocupado.

— Você não pode ficar sentado, disse, você vai morrer de frio.

— Eu sei, murmurou. Eu não me importo.

— Chiado! exclamou Faísca, realmente alarmado. Você tem que se importar. Você não pode simplesmente morrer de frio! Vamos — Levante-se!

— Deixe-me em paz! murmurou Chiado, mal abrindo a boca.

— *Levante-se*, ordenou Faísca, agarrando Chiado e levantando-o.

Mas, quando ele o largou, Chiado despencou outra vez.

— Deixe-me em paz! murmurou outra vez.

— Não, eu não vou deixá-lo em paz! Gritou Faísca quase chorando. *Levante-se e fique em pé!*

Mais uma vez Faísca pôs Chiado de pé. Ele o arrastou para lá e para cá no fogo.

— Vamos, Chiado, mexa-se, ordenou. *Mexa-se! Mexa-se!*

— Não, murmurou Chiado. Deixe-me em paz!

— Pare de dizer isso! gritou Faísca. Eu não vou deixar você em paz. Eu não vou deixar você morrer de frio. Agora, ande, continue andando. Hum — dois — três — quatro, hum — dois — três — quatro!

Durante todo o dia, Faísca arrastou um Chiado relutante para lá e para cá em um fogo fraquinho. Chiado não cooperava nada, ele só queria se esparramar no chão e morrer de frio.

Até tarde da noite, Faísca ficou arrastando Chiado para lá e para cá. Tentou tudo o que podia para aquecer Chiado. Insultou-o, fez piada sobre o fogo com ar condicionado, xingou-o. Mas, Chiado não ficava em pé sem que Faísca o segurasse, e tudo o que dizia era: Deixe-me em paz! Deixe-me em paz!

Então, quando Faísca completamente exausto, estava quase desistindo, um brilho quente encheu o iglu.

— Bom trabalho, Faísca, estou orgulhoso de você, disse Mestre Salamandra. Eu vim assim que recebi sua mensagem por pensamento, e acho que cheguei na hora certa. Chiado certamente estaria perdido sem você para cuidar dele.

Dizendo isso, Mestre Salamandra fez duas chamas e numa embrulhou Faísca e na outra Chiado. As chamas eram quentes — ardentemente quentes como a maior fogueira. Num instante os dois salamandras estavam quentinhos e fortes de novo, como se nunca tivessem estado num fogo com ar condicionado.

Chiado quase se esqueceu que há um minuto atrás a única coisa que queria era morrer de frio. Mas, lembrou-se o suficiente para dizer:

— Obrigado, Mestre Salamandra. E obrigado, Faísca. Vocês dois salvaram a minha vida.

— Oh isso não foi nada, disse Faísca embaraçado.

— Não, Faísca, isso foi muito, disse Mestre Salamandra com voz severa. Chiado fez um jogo muito perigoso quando pensou que sabia melhor do que eu, o que era melhor para ele. Se você não tivesse sido tão leal com ele,

Faísca, na certa ele teria morrido de frio. Você quase perdeu a sua vida por causa da tolice de Chiado. Espero que ele tenha aproveitado a lição.

— Aprendi a lição, sim, senhor, disse Chiado com voz tão humilde como ninguém ainda o tinha ouvido usar. De agora em diante, prometo ouvir o que as pessoas mais sensatas e com muita experiência disserem, e pensar com muito cuidado sobre as coisas que eu quero fazer.

— Ótimo, Chiado. Espero que seja verdade. E agora, disse Mestre Salamandra, acho que é hora de voltarmos para a nossa praia. Amanhã é sábado e haverá muitas fogueiras. Vamos embora.



## A EVOLUÇÃO PREMATURA DE CLYDE

Clyde era um peixe grande e desajeitado do mar,  
E divulgava que, na sua vida, apenas desejava  
Suas nadadeiras imprestáveis abandonar  
E num elefante com presas e pele grossa se transformar.  
Depois de muitas consultas, os Poderes Que São,  
Embora em dúvida e hesitantes, resolveram concordar  
Que uma oportunidade dariam a Clyde para mostrar o que poderia fazer,  
Como se sua ordem de progresso pudesse ordenar e torcer.  
Assim, lhe deram quatro pés, grandes orelhas e rabo  
E presas, pele grossa e uma tromba para poder açoitar.  
Pintaram-no de cinza e fizeram-no tão grandão,  
Que parecia a seus amigos um desajeitado batelão.  
O polvo avisou que ele nunca poderia trabalhar,  
Pois passar de peixe para um enorme mamífero, um grande choque era.  
O boto deu-se ao trabalho de repetir a lei severa  
De que o progresso na Terra, é como à escola ir.  
Não se pode ser um elefante até que se possa adquirir  
Todas as habilidades que essa criatura possui e que lhe são natas.  
Mas Clyde não ligou para esses apelos de razões sensatas,  
Achava que experiência de muitas outras vidas  
Era algo de que ele não necessitava. Talvez outro qualquer

Tivesse de aprender primeiro a gingar antes de poder andar.

Mas, para Clyde, esse lento progresso o iria frustrar.

Então, um de seus tremendos pés tentou levantar,

Mas, desceu-o tão pesado, como se fosse o concreto quebrar.

Abriu a boca e um alto som de trombeta saiu,

E, na beira da praia, um grupo se reuniu,

Eram os amigos marinhos de Clyde, de seus dias molhados,

Que sua partida saudavam em altos brados!

Clyde ergueu sua tromba em majestosa saudação,

Virou-se para entrar no seu novo reino da selva,

E assumiu o que pensou ser uma astuta expressão,

Mas, o peso de seu corpo o esmagava.

Ele, cujo peso anterior fora sua conquista,

Deu um tropeção, e, bem à vista

De todos reunidos para sua despedida,

Caiu de cara, em grande gritaria ouvida

Até do lado oposto da Terra.

Pobre e mortificado Clyde, quando tentou se levantar,

Compreendeu que na terra não era fácil se equilibrar.

Ele, que estava tão seguro, que à situação penso poder dominar!

Sua dignidade injuriada, sua majestade destruída,

Tão ignobilmente estragada, sua imponente partida.

Tudo que Clyde podia fazer agora, era seguir cambaleando  
Sobre grossas pernas, que feitas de barro mole estavam parecendo.  
Ouviu enquanto se esforçava, uma risada abafada,  
Ao voltar-se, viu uma jovial girafa,  
Que estava perto da trilha postada,  
E de onde confortavelmente podia ver  
As contorções que o pobre Clyde tinha que fazer.  
“Credo! que espécie de criatura você é?”  
Perguntou olhando para Clyde, escarnecendo.  
“Com certeza não é um elefante, pois eu temo  
Que embora um grande paquiderme esteja parecendo  
Seus modos sugerem mais um antílope enfermo”.  
“Claro que sou um elefante”, respondeu Clyde prontamente  
Mas, por dentro, suspirou profundamente.  
“Mas ainda esta manhã, eu só podia me mexer  
Dentro da água”, (e isso muito mal).  
“A arte de andar ainda não pude aprender.  
Ficaria muito grato se embasbacada você não ficasse,  
Pois não é fácil elefantizar-se  
Se você recebeu um novo corpo para andar.  
Um peixe eu era até hoje,  
Mas agora sou elefante, e assim vou ficar”.

A girafa encarou de novo Clyde, que parecia tão desajeitado,

E riu até sentir uma dor do lado.

“Um elefante você quer ficar?

Meu amigo, eu suponho que em um curto dia somente

Desta nova vida, será para você o suficiente.

É difícil manter este ritmo de mamífero continuamente.

Para voltar ao seu líquido lar você vai pedir

E da vida como um peixe não mais vai querer desistir”.

“Ridículo!”, respondeu indignado,

E Clyde permitiu-se um bufar malcriado.

“Um elefante eu pretendo ficar,

E nada, nada, meu caminho vai barrar”.

Isto dizendo, virou-se e foi-se a cambalear,

Enquanto a trocista girafa continuou a zombar.

Clyde, à medida que entrando pela selva ia,

Achou que agora já passava do meio dia,

E decidiu uma boa refeição obter.

Imaginava o que mais apetitoso poderia ser.

Não sabendo bem o que os outros elefantes comiam,

Pensou que não fosse difícil encontrar

Um viveiro de peixes ou um lago, que com certeza teriam

A comida de que gostava no seu reino do mar.

Mas nenhum corpo aquático foi encontrado.

A selva era densa e o terreno solidificado.

Então, Clyde, avistando um gigantesco avestruz”,

Ergueu a tromba e educadamente disse: “Como vai?

Por acaso, pode me dizer onde existe um lugar

Em que eu consiga comer uma refeição do mar?”

“Ahn?”, o avestruz com seu olhar de míope, disse:

“Pensei que um elefante você fosse,

Mas se você procura comida do mar somente,

Alguma criatura esquisita deve ser, certamente”.

Clyde ergueu-se em toda sua altura e com voz vibrante

Pediu que ele pronunciasse “*elefante*”,

E explicou que tendo estado na condição de peixe anteriormente,

Tinha vontade daquilo que comia normalmente.

O avestruz, cujo cérebro pequeno não podia entender

O que isto significava, com voz assustada passou a dizer:

“Um elefante que quer obter sua comida do mar

Não é companhia que eu deseje conservar.

Acho que seria mais sensato se você aderisse

A dieta de folhas suculentas dos elefantes e as comesse.

Até lá, eu deixo você sozinho”, e sem se despedir

Correu para a selva atropeladamente.



“Folhas”, resmungou Clyde com petulante zombaria.

“Então é isso que nós comemos? Saber que espécie de folhas são, eu gostaria,

E como consegui-las? Saber eu precisaria.

Só em pensar nesse regime fico cheio de pesar”.

Então, Clyde olhou em volta para as folhas comparar,

E pensou que poderia começar em qualquer lugar.

Abriu sua boca o máximo que suportou,

E agarrando um galho, pensou: “Tomara que seja bom!”

Deu um puxão no galho, e o arrancou,

Ficar com a boca doendo foi só o que arranhou.

“Puaf!”, exclamou Clyde, largando o galho escolhido,

“Não acho que folha seja meu alimento preferido”.

“Claro que não, seu bobo”, disse uma voz que ele ouviu,

“Se não quiser usar sua tromba”.

Lá estava um elefante, grande e preto, como nunca vira

E à cuja vista Clyde ficou surpreso

“Quem —?”, disse gaguejando, “quem é você?”

“Se não me engano você é comigo parecido,

Que há uma semelhança, eu devo confirmar,

Mas, duvido que você seja capaz de enganar

Qualquer um que julgue que você realmente venha a ser

Um elefante, pois seu comportamento bizarro e maçador

Deixa claro que sua condição é bem inferior”.

“Ahn, bem..., murmurou Clyde, em cuja mente um branco se formou

“Eu — ahn — isto é — bem — não faz muito tempo que eu estou

Com o ilustre grupo dos elefantes.

Esta manhã eu era ainda um peixe do mar, sim,

E agora sou um elefante — olhe para mim!”

“Estou vendo, estou vendo”, disse o amigo recente

Não admira que você seja um quadrúpede diferente.

Pois muito de peixe os seus modos ainda trazem,

E simplesmente você não consegue fazer o que os elefantes fazem”.

“Uma conversa!”, disse Clyde que já estava ficando cansado

De ser como um vira-latas olhado.

Estou certo que saberei fazer bem se você me mostrar,

E, então, serei igual a você, sem me embaraçar”.

“Ah!”, foi a resposta do mamute grosseiro.

“Mas, enfim, acho que posso ser um bom companheiro.

É assim que se consegue comida. Fique olhando”.

A ponta da tromba foi se levantando,

E em volta da mais succulenta folha foi se enrolando,

E quase como se a roubasse, cortou-a delicadamente

E a tromba depois, com um gesto, enrolou-a habilmente,

Formando com ela um arco perfeito,

Colocando a folha em sua boca com treinado jeito.

Engoliu o bocado e disse calmamente: “Aí está,

É assim que se faz. Se Você conseguir assim fazer,

Não vai mais ter falta do que comer”.

Com isso, o elefante virou e afastou-se,

Deixando Clyde certo de que já sabia como proceder.

Enrolou a tromba como tinha visto fazer

É disse para si mesmo: “Bem, isto deve ser de colher!”

Mas, mesmo torcendo e virando com todo o seu poder,

Não pôde enrolar a tromba em nenhuma folha sequer.

Sua pontaria era horrível, seu equilíbrio de lascar,

Seus músculos ficaram entorpecidos e sua tromba não podia beliscar.

Respirou pólen que o fez tossir,

E, apesar de todos os seus esforços, nenhuma folha pôde possuir.

Por fim, com cara desapontada, resolveu desistir.

Olhou com desgosto as folhas desse lugar

E, pela primeira vez, pôs o pensamento a funcionar.

Ser um elefante podia, deixá-lo perturbado,

Tristemente foi de novo pela trilha adiante

Sentindo-se desanimado, abatido, fraco e desencorajado.

Um papagaio, em algum galho lá no alto distante,

Gritou trocista quando o pobre Clyde passou.

Uma tartaruga com o mais malicioso olhar falou:

Nunca em meu 500 anos tive a oportunidade de olhar  
para um paquiderme tão errado.

Não vejo como alguém possa atestar

Que você seja o que tem declarado”.

Lágrimas encheram os olhos de Clyde; já não podia ver.

Às cegas, incautamente, pelas moitas cerradas andou,

“Pare de estragar nossas árvores!”, um tordo assim lhe ralhou.

Uma zebra desafiou-o com uma enorme gargalhada,

E chamou para perto seus parentes distantes,

Para gozarem a presença daquela peça aloucada,

Que assim por lá cambaleava — um bruto desconjuntado!

Um leão apareceu, de juba majestosa, enfeitado,

Mas, depois de um momento, com desdém real manifestado,

Foi embora em sua realeza, certo que a presença de Clyde

Não era perigosa para seu orgulho amado.

“A única pessoa que ele pode ferir é a si mesmo;

Em uma prateleira de refugos devia ser colocado”.

Uma cacatua soltou um grito bem gozado.

Uma gazela e um grande antílope ambos

Reprenderam Clyde por estar tão despreparado

Para seu papel na vida, mas Clyde não mais se importou.

Por seu velho lar nas águas salgadas suspirou,  
Onde velhos amigos e companheiros eram tão bondosos.  
Em lágrimas, sem esperança, Clyde desejou ardentemente  
Que pudesse viver como um peixe novamente  
Ante ele, de súbito apareceu o Poder Que É.  
“Você está pronto, afinal, para o mar voltar?  
Perguntou, e Clyde, com uma onda de esperança disse,  
Que ser elefante lhe causara muita chatice.  
“Acho que não estou preparado para tal salto.  
De peixe para elefante, é um pulo muito alto.  
É claro que você tem razão e eu deveria dar  
Um passo de cada vez e em ritmo lento andar.  
Se você, outra vez, em peixe me transformar, eu vou prometer  
Fazer o melhor onde estiver,  
E aprender o que na escola do mar devo saber,  
E aperfeiçoar inteiramente cada passo seguinte”.  
Então, o Poder Que É, com grande força de vontade,  
Um coração compassivo, e grande habilidade,  
Fez desaparecer a longa tromba de Clyde, suas presas e suas grandes orelhas,  
Deu-lhe de volta as barbatanas, que tinha deixado reservadas,  
Tendo certeza que Clyde concordaria finalmente  
Que progresso não é coisa que se obtenha facilmente.



## O DESEJO

Era uma vez, uma princesa que não queria ser princesa. Vocês acham isso impossível? Vocês não acham que todas as moças ficariam felizes com a oportunidade de serem princesas?

Bem, não essa princesa. Todas as noites quando ia para a cama pensava, “Espero que amanhã quando acordar, eu seja uma cozinheira. Ou, “Espero que amanhã quando acordar, eu seja uma costureira. Ou, “Espero que amanhã quando acordar, eu seja uma florista”. Mas todas as manhãs quando acordava, ainda era princesa.

E por que a princesa não queria ser princesa? Por que em vez disso, ela queria ser uma cozinheira, uma costureira ou uma florista? Porque era duro ser princesa. Pelo menos, ela achava que era duro ser uma princesa. Ela achava que era duro ser sua qualidade de princesa.

Bem, é verdade que algumas princesas são mimadas e conseguem tudo que desejam em bandeja de prata, e despedem seus servidores se não forem servidas suficientemente bem ou suficientemente depressa ou com suficientes saudações e salamaleques, para satisfazê-las. Algumas princesas são soberbas e andam com o nariz para o ar, recusando-se a dar atenção às pessoas que elas acham que estão muito abaixo delas. Algumas princesas são muito preguiçosas, nunca pegando nada se alguém puder pegar para elas, e se enchendo de sorvetes e doces. Essas princesas não são muito queridas, porque são egoístas, só pensam nelas e nada fazem.

Mas, esta princesa não era mimada, não era soberba e não era preguiçosa. Não que ela não quisesse as vezes ser assim. Simplesmente não lhe permitiam e principalmente seu pai, o Rei.

O Rei amava muito sua filha. Na verdade, a amava tanto que não queria que ela crescesse mimada, soberba ou preguiçosa. Ele queria que ela crescesse

carinhosa, gentil, dócil, compreensiva, e sabia que ela deveria se esforçar muito para ser assim. Então, ele insistia para que ela se esforçasse muito para ser todas essas coisas.

E é por isso que a princesa, que se chamava Andrea, não queria ser princesa. Ela achava que era muito difícil ser todas as coisas que seu pai queria que ela fosse.

Outras princesas, pensava Andrea, podiam dormir quanto quisessem e tomar café na cama. Outras princesas, pensava, podiam dizer, “Deixem-me em paz”, se não queriam falar com as pessoas. E outras princesas, pensava, com certeza não precisavam sorrir se não tivessem vontade.

Mas, o Rei insistia que Andrea levantasse alegre e cedo todas as manhãs, e que arrumasse sua cama e fosse tomar o café da manhã na sala de jantar, com o resto da família. Ele insistia que ela fizesse tudo que pudesse para si própria. Ela tinha até que engraxar seus sapatos, dar banho no seu cachorro, ajudar a tirar o pó dos móveis do palácio, preparar seu lanche para a escola. Quando tinha que pedir alguma coisa para algum criado, tinha que ter muito cuidado e dizer “por favor”, e “muito obrigada”, porque se não dissesse seu pai ia ficar muito descontente. E não era uma boa ideia, ela sabia, desagradar ao Rei.

O Rei insistia que Andrea ouvisse todas as pessoas que quisessem falar com ela porque, ele dizia:

— Uma princesa é responsável por seus súditos.

Ela nunca se atrevia a dizer, “Deixe-me em paz”, porque se o fizesse seu pai ia ficar muito zangado. E não era uma boa ideia, ela sabia, deixar o Rei ficar zangado.

O Rei insistia que Andrea fosse cortês com todos que encontrasse e sorrisse para as pessoas sempre que pudesse. É claro que não devia fechar a cara para eles. Algumas vezes sua boca doía de tanto sorrir, mas, de qualquer modo, ela

continuava sorrindo. Se ela não o fizesse, seu pai ia ficar muito decepcionado. E não era uma boa ideia, ela sabia, deixar o Rei ficar decepcionado.

Um dia, Andrea teve uma ideia.

— Se eu me esconder no bosque o dia inteiro, eu não verei ninguém e ninguém me verá, pensou. Assim, eu não terei que falar com ninguém ou sorrir e não terei problemas por não dizer “por favor”, e “muito obrigada”, e eu posso me deitar à sombra de uma árvore e não pensar em nada, a não ser em mim.

Assim, Andrea pegou um tapete macio para deitar, pôs num saquinho uma maçã, uma banana, dois sanduiches, um de manteiga de amendoim e outro de geleia, e desceu as escadas de serviço do palácio na ponta dos pés. Quase esbarrou no mordomo que estava levando para cima uma jarra de suco de maçã, mas ela conseguiu se esconder num armário de vassoura até que ele passasse. Quase caiu em cima da faxineira que estava esfregando o último degrau, mas conseguiu se esconder num canto escuro até que a faxineira acabasse.

Andrea atravessou correndo o jardim do palácio e subiu numa trepadeira que crescia pelo muro alto. Pulou de cima do muro e correu pela estrada que levava ao bosque.

Ninguém a viu sair do palácio, e ninguém sabia que ela tinha ido se esconder no bosque.

Andrea entrou bem para dentro do bosque, antes de parar.

— É embaixo desta árvore que eu vou me deitar, disse por fim, olhando para um grande castanheiro, bem mais alto que as outras árvores vizinhas.

Estendeu o tapete e espreguiçou-se.

— Ahhh! suspirou. Assim é que é bom.

Em poucos minutos estava profundamente adormecida.



— Então, esta é a princesa que não quer ser princesa, disse uma voz esganiçada e aguda, perto de seu ouvido.

— Vamos fazer-lhe um favor e conceder-lhe o desejo? — Perguntou outra voz esganiçada e aguda.

— Claro, disse a primeira. Vai ser divertido!

Piscando os olhos, Andrea viu dois homens pequeninos com roupas lilás, sapatos vermelhos e chapéus verdes sorrindo para ela. Primeiro ela pensou: “Como são pequenos! “Depois pensou: “Quantos dentes eles têm! “. Depois pensou: “Quem são? “

— Quem são vocês? perguntou.

— Nós somos Realizadores de Desejos, disse o primeiro homenzinho. Temos o poder de conceder qualquer desejo que você deseje, mas você precisa estar certa de que você totalmente, positivamente o deseje. Quando concedemos um desejo, nunca mais o retiramos.

— Você totalmente, positivamente, deseja não ser uma princesa? perguntou o segundo homenzinho.

— Oh! sim, respondeu Andrea. Eu totalmente, positivamente, desejo não ser uma princesa.

— Muito bem, disse o primeiro homenzinho. Feche bem os olhos e não abra.

Andrea apertou os olhos e ouviu:

“Abracadabra, abracadabra,

Dê à princesa, sua maior ambição,

Ela que uma loura princesa era,

Agora é feia, sem comparação”.

Então, Andrea sentiu que coisas esquisitas estavam acontecendo com ela. Seus ossos estalavam quando se mexia. Seus músculos se esticavam e encolhiam até ela se sentir como uma tira de borracha. Era como se suas roupas estivessem sendo rasgadas e seu vestido macio começou a ficar grosso e picava. Seus cabelos, com suas tranças bem penteadas, caíam lisos sobre seu rosto.

— Há, há, há! Riu com maldade o primeiro homenzinho com sua voz esganiçada. Agora ninguém vai confundir você com uma princesa. Você não pode dizer que não atendemos seu desejo. Abra os olhos — e felicidades.

Andrea abriu logo os olhos – mas os homenzinhos tinham desaparecidos. Olhou-se com crescente horror. Seu lindo vestido cor de rosa tinha se transformado em uma roupa rasgada, feia, deformada, suja e que parecia não ter sido lavada há meses. Suas mãos estavam calosas e suas unhas quebradas e sujas. Seus cabelos estavam brancos e emaranhados.

Começou a andar e percebeu que um pé se arrastava e ela só podia levantá-lo com muito esforço. Tentou falar e sua voz soou horrivelmente. Mancando, Andrea conseguiu chegar até um regato no bosque ali perto, e viu seu reflexo na água clara. O que ela viu assustou-a tanto, que ela gritou e desmaiou.

Quando voltou a si, olhou-se de novo cautelosamente. O reflexo ainda parecia um pesadelo. A linda princesa de cabelos dourados tinha se transformado numa horrível megera, tão feia que poderia assustar até o mais valente cavaleiro quando ia para a guerra lutar por seu pai, o Rei.

— O que eu vou fazer? choramingou Andrea. Eu não queria ser princesa, mas também não queria ser assim.

Andrea começou a chorar. Chorou, chorou, chorou e quando se olhou outra vez na água, seu rosto estava vermelho, inchado e ainda mais feio.

— Realizadores de Desejos: Por favor, voltem! Prefiro ser princesa do que ser assim. Por favor, transformem-me outra vez em princesa.

Mas, sua única resposta foi o canto longe de um canário-da-terra no bosque.

Por sete dias, Andrea ficou no bosque, lavou a velha roupa preta no regato e penteou seus cabelos como pôde, mas nada mais conseguiu fazer para melhorar sua aparência. Depois de comer a maçã e a banana e os dois sanduiches de manteiga de amendoim e geleia, comia nozes que encontrava pelo chão. Mas, os esquilos tinham trabalhado bastante e não haviam deixado muitas nozes.

Começou a fazer frio, e, uma noite, caiu uma chuva gelada que a deixou encharcada da cabeça aos pés.

Então, Andrea achou que não podia mais ficar no bosque. Ela não tinha teto, nem comida, nem agasalhos.

— Vou voltar para o palácio de meu pai, disse. Talvez ele tenha pena de mim e me deixe morar lá.

Então, Andrea saiu do bosque sempre mancando e foi pela estrada que dava para os portões do palácio.

Embora ela não soubesse, havia grande tristeza no palácio porque ela não tinha voltado depois do seu primeiro dia no bosque. O Rei, a Rainha e todos os cavaleiros e damas da corte, todos os guardas e criados estavam tristes.

— O que terá acontecido com a Princesa Andrea? perguntavam uns aos outros. Onde estará? Por que não volta para casa?

O Rei e seus cavaleiros tinham cavalgado por todo o reino procurando por ela, e o Rei mandou mensagens para os reinos vizinhos, perguntando se alguém tinha visto a Princesa Andrea. Mas, é lógico, todos procuravam uma princesa de cabelos dourados e ninguém procurava uma bruxa feia e velha. Assim, ninguém viu a Princesa Andrea.

Andrea manquejou até os portões. Um guarda alto, que a tinha carregado nos ombros quando ela era uma menininha, barrou seu caminho. Tinha os braços cruzados no peito e suas pernas bem separadas.

— O que é que você quer aqui, velha bruxa? perguntou desconfiado.

— Eu sou a Princesa Andrea, disse tristemente com sua voz de taquara rachada. Por favor, deixe-me entrar.

— Princesa Andrea! gritou o guarda zangado. Como você se atreve a dizer que é a nossa princesa desaparecida? A Rainha está doente de tristeza e o Rei está fora de si de tanta preocupação e você tem coragem de dizer que você é a linda Princesa Andrea! Você deve saber alguma coisa sobre seu desaparecimento. Agarrem-na!

E, antes que Andrea pudesse dizer outra palavra, foi rudemente agarrada por dois guardas que também tinham sido muito seus amigos.

— Levem-na para o Rei! ordenou o primeiro guarda, e Andrea foi meio empurrada, meio carregada para dentro do palácio, pelos longos corredores de mármore. O mordomo, a faxineira, o Grande Camareiro Chefe, a Governanta da Rouparia, o Excelentíssimo Ministro de Estado e muitas outras pessoas que Andrea conhecia bem, pararam o que estavam fazendo e ficaram olhando o grupo passar.

— Quem é essa feia bruxa velha? murmurou a faxineira.

— Eu nunca a vi antes, fungou o mordomo desdenhosamente.

— Não imagino o que Sua Majestade possa querer com ela, disse o Grande Camareiro Chefe para o Excelentíssimo Ministro de Estado, que ajustou seu monóculo e olhou mais fixamente.

Finalmente, chegaram à ala do Trono onde o Rei estava muito triste sentado no trono. Parecia não ter dormido há dias — o que realmente não tinha.

Os guardas empurraram Andrea para dentro.

— Majestade, começou um deles, perdoe a intrusão, mas o Capitão achou que Vossa Majestade queria falar com esta velha bruxa. Ela...

O guarda parou de falar quando o Rei, com expressão misto de espanto, horror, incredulidade, desceu do trono e foi até Andrea.

— Andrea, murmurou, minha filha, o que aconteceu com você?

Todos que estavam ali olhando murmuraram:

— Andrea? será que essa feia bruxa velha é a Princesa Andrea?

— Como é que o Rei sabe que é a Princesa Andrea? sussurrou a Terceira Dama de Companhia.

Um pai conhece seus filhos, respondeu sabiamente a Governanta da Rouparia.

Andrea, com lágrimas escorrendo em seu rosto olhou para seu pai.

— Você me reconhece? perguntou sem acreditar.

— É claro que reconheço você, minha filha. Mas o que aconteceu? Quem fez isto com você? perguntou o Rei abraçando-a.

Por algum tempo, Andrea só pôde soluçar amargamente. Estava aliviada por seu pai tê-la reconhecido, e terrivelmente envergonhada por sua feiura e pela coisa horrível que havia feito a si mesma. Por fim, aos poucos, começou a contar sua história. Todos na Sala do Trono ouviam com piedade e horror quando ela contou que, porque pensava que não queria ser princesa, os Realizadores de Desejos tinham-na transformado na coisa mais oposta a uma princesa que se possa imaginar.

— É tudo culpa minha, meu pai, soluçou Andrea.

Se eu não tivesse tido aquele estúpido desejo, eu ainda seria uma princesa e ainda seria bonita.

O Rei suspirou e acariciou seus grossos cabelos brancos.

— Você ainda é uma Princesa, Andrea, murmurou para que só ela pudesse ouvir. Você ainda é a filha de um Rei. Mesmo os Realizadores de Desejos não podem mudar isso.

Então, severamente, dispensou todos os cortesãos, todos os criados, todos os guardas da Sala do Trono e ele e Andrea conversaram sozinhos por três horas. Mas o que disseram um ao outro, só eles podem dizer.

No dia seguinte, e por dias, semanas e meses depois disso, Andrea se levantava como de costume, arrumava sua cama como de costume, e ia tomar o café da manhã na sala de jantar com toda a família, como de costume. Engraxava seus sapatos, dava banho no seu cachorro, ajudava a tirar o pó dos móveis do palácio e preparava seu lanche para ir à escola, como de costume. Quando pedia a algum criado para fazer alguma coisa, sempre dizia “por favor”, e “muito obrigada”, como de costume. Era cortês com todos que encontrava e sorria para as pessoas sempre que podia, como de costume.

Na verdade, tudo continuava igual, menos o fato de que, em vez de ser a bonita Princesa Andrea dos cabelos dourados, era agora a feia bruxa velha Princesa Andrea. Usava a velha roupa preta e, embora sempre tivesse as unhas limpas, elas estavam sempre quebradas e suas mãos encarquilhadas. Seus cabelos grossos, brancos e a voz soava horrivelmente.

Por uns tempos, as pessoas evitavam Andrea. Ela era tão feia que, embora ainda fosse princesa, não queriam saber dela. Mas, porque seu pai queria, e ela sabia que era o que devia fazer, ela continuou sendo carinhosa, gentil, dócil e compreensiva tanto quanto podia.

Depois de algum tempo, as pessoas começaram a pensar mais e mais sobre como ela era carinhosa, gentil, dócil e compreensiva e menos e menos como ela era feia. Então, esqueceram de vez que ela era feia e muita gente queria vê-la e falar com ela. Com todos Andrea era cortês, como seu pai desejava.

Uma noite, exatamente um ano e três dias depois que os Realizadores de Desejos tinham feito aquilo, Andrea estava sentada junto da janela, olhando tristemente as estrelas e imaginando pela milésima vez como seria ser bonita de novo.

— Ora, ora, ora, assustou-a uma voz esganiçada muito alta. Então, esta é a princesa que não queria ser uma princesa, heim?

Lá estavam dois homens pequeninos com suas roupas lilás, sapatos vermelhos, chapéus verdes e muitos dentes, sorrindo para ela.

— Oh, Realizadores de Desejos, gritou Andrea. Estou tão contente em ver vocês! Por favor, façam com que eu fique bonita outra vez. É horrível ser tão feia. Eu nunca quis isso. Por favor, por favor, transformem-me outra vez.

— Nós lhe dissemos antes, nós nunca desfazemos um desejo depois de concedê-lo. E você estava totalmente, positivamente certa sobre seu desejo. Lembra-se? Perguntou o primeiro homenzinho de jeito desagradável.

— Sim, sim, eu me lembro, respondeu Andrea em lágrimas. Eu fui muito tola, estou arrependida, estou tão arrependida. Por favor, *por favor*, façam-me como eu era.

— Isso é impossível, disse o segundo homenzinho, sorrindo maldosamente. Nós avisamos você e você disse que estava certa. Agora tem que aguentar as consequências.

— Nós só demos uma chegadinha para ver como você está indo. Credo, você é feia mesmo! Nosso trabalho foi muito bom! Ha, ha, ha! O primeiro homenzinho estava quase dobrado de tanto rir. Bem, nós temos que ir andando. Levante a cabeça! Ha, ha, ha! Adeus.

— Parem! veio da porta uma voz de comando severa. Os homenzinhos se viraram, deixaram de sorrir e se curvaram tanto que suas cabeças tocaram o chão.

— Majestade! eles disseram respeitosamente.

— Sim, disse o Rei. Então, vocês acham que fizeram uma grande coisa realizando o desejo da Princesa!

Os homenzinhos ficaram calados.

— Então, intimou o Rei, não foi isso que vocês disseram?

— Sim, Majestade, murmuraram.

— Digam-me, perguntou o Rei, qual era exatamente o desejo da Princesa? Exatamente.

— Bem, Majestade... o primeiro homenzinho hesitou.

— Continue, ordenou o Rei.

— Bem, Majestade, o homenzinho disse relutante, suas exatas palavras foram: Eu desejaria totalmente, positivamente não ser princesa.

— E vocês concederam-lhe esse desejo? perguntou o Rei.

— Sim, Majestade, responderam os homenzinhos tentando parecer orgulhosos de si mesmos.

— Sei, disse o Rei. Nesse caso, por que é que Andrea ainda é princesa? Por que é que ela ainda é minha filha? Por que é que ela ainda é chamada de Sua Alteza? Por que é que ela ainda mora no quarto da princesa no palácio? E por que é que as pessoas ainda gostam tanto dela quanto antes”?

— Ahn — ah — hum — o primeiro homenzinho gaguejou, enquanto o segundo homenzinho mexia os pés.

— A verdade deste caso é que vocês não fizeram um bom trabalho ao conceder-lhe o desejo. Vocês não o realizaram de jeito nenhum. Vocês não o realizaram porque vocês não têm poder para conceder esse desejo. Não é verdade? perguntou o Rei.



— Sim, Majestade, tiveram que admitir os homenzinhos.

— Então, vocês concederam à Princesa um desejo que ela absolutamente não desejava. Vocês a tornaram feia, e ela nunca manifestou o desejo de ser feia. Certo?

— Certo, Majestade, tiveram que admitir os homenzinhos.

— Portanto, já que vocês não concederam desejo a que foi desejado, agora eu ordeno que vocês desconcedam o que concederam, eu ordeno que vocês restitua a beleza de Andrea. **IMEDIATAMENTE!**

A voz do Rei era fria, poderosa e implacável, e os homenzinhos não tinham força para argumentar. Desviando os olhos do Rei, eles cantaram:

“Abracadabra, Abracadabra,  
Dê à Sua Majestade, sua maior ambição,  
Aquele que é feia, sem comparação  
Volte a ser a beleza de então”.

De novo. Andrea sentiu coisas esquisitas acontecendo. De novo, seus ossos estalavam quando se moviam. De novo, seus músculos esticavam e encolhiam. Suas roupas ásperas ficaram macias e suas mãos já não estavam retorcidas. Andrea, que estava com os olhos fechados, tinha medo de abri-los.

— Os homenzinhos já se foram, Andrea, disse por fim o Rei, muito carinhosamente. Abra os olhos. Olhe para você.

Andrea abriu os olhos devagar e quase sem poder respirar, olhou no espelho. Quase não podia acreditar no que viu. Estava usando um vestido cor de rosa, um pouco mais comprido e elegante do que o último. Seus cabelos dourados caíam em ondas suaves por suas costas. Estava mais bonita do que nunca.

Andrea suspirou baixinho, sorriu, e virou-se para seu pai.

O Rei abriu os braços e ela correu para ele.

— Paizinho, disse simplesmente. Obrigada.



## VÉSPERA DE NATAL NA FLORESTA

Em uma floresta sombria, há muito tempo, vivia uma garotinha chamada Simonetta. Era muito bonita, muito gentil, muito boa. Os que a conheciam diziam que ela deveria ter sido uma princesa, porque ela era linda como as princesas, e fazia tudo do jeito que as princesas deveriam fazer.

Mas, Simonetta não era a filha de um rei. Era a filha de um valente caçador, que era conhecido por toda a parte por suas façanhas. Todas as manhãs, o valente caçador pendurava sua aljava no ombro, apanhava o seu arco, despedia-se de Simonetta com um beijo e partia para o meio da floresta. O dia todo ele ficava nos lugares frequentados pelos animais selvagens e todas as noites voltava para casa carregando o que havia matado.

Mas, embora Simonetta adorasse seu pai, temia sempre a sua volta. Ela sempre trazia para casa o corpo de um cervo ou coelho, raposa ou esquilo, que haviam sido seus amigos. Porque Simonetta era amiga de todos os animais. Os animais da floresta a amavam tanto quanta temiam seu pai.

Todas as manhãs, depois que o valente caçador saía de sua cabana, os animais saíam de trás das moitas onde tinham ficado esperando e iam visitar Simonetta. Durante todo o dia ela cuidava dos que estavam doentes, confortava os que estavam tristes, e participava dos jogos dos que estavam alegres.

Depois, quando o crepúsculo da floresta descia sobre eles, Simonetta dizia:

— Agora vão embora depressa, porque meu pai logo vai voltar para casa. Fiquem escondidos na floresta até pela manhã, depois voltem para mim.

E os animais partiam e não eram vistos por olhos de mortais até o dia seguinte.

Assim, ia passando o tempo. O valente caçador caçava, e as criaturas da floresta o temiam como o pior dos inimigos. Simonetta amava os animais e as criaturas da floresta a adoravam.

Um ano, o inverno chegou mais cedo a Terra. Logo que o chão ficou coberto pelas brilhantes folhas coloridas do outono, estas foram cobertas, por sua vez, por uma camada de neve. Fazia um frio intenso e, à noite, até o valente caçador ficava contente em voltar para o calor de sua lareira.

Os animais também tinham frio e, todas as manhãs, Simonetta os acolhia na cabana onde eles podiam se aquecer. Quando descia o crepúsculo, o que acontecia mais cedo nesses dias gelados, seu coração ficava apertado por ter que manda-los para fora, no ar frio. Mas, ela não se atrevia a deixá-los ficar mais tempo perto da lareira, pois a ira do valente caçador seria muito grande se os encontrasse ali ao voltar.

Então, uma manhã, quando o valente caçador estava pegando suas armas, Simonetta disse:

— Papai, hoje é véspera de Natal, por favor, não vá caçar hoje. Por favor, fique em casa e me ajude a decorar nossa árvore.

— Não, filha, eu não posso ficar em casa, respondeu o valente caçador. Preciso arranjar mais peles para vender e mais carne para defumar e armazenar. Você pode decorar a árvore sozinha. Você sempre fez isso muito bem.

O valente caçador pendurou sua aljava no ombro, apanhou seu arco e encaminhou-se para a porta.

— Pai, Pai, gritou Simonetta, agarrando sua manga, por favor, não mate nada hoje. Não na véspera do nascimento de Cristo.

— Que tolice é esta, menina? — perguntou impacientemente o valente caçador, soltando-se de suas mãos. Nós precisamos de peles para vender e de carne para comer; seja véspera do nascimento de Cristo ou não. Ora, não fique tão triste. Eu vou matar um veado hoje e vamos ter carne fresca de veado para nossa festa de Natal.

O valente caçador se despediu de Simonetta com um beijo e foi para a porta.

Simonetta ficou olhando para ele, com as lágrimas escorrendo por suas faces.

— Quando você voltar, Papai, eu não estarei mais aqui, murmurou.

Mas o valente caçador não ouviu.

Depois, chegaram os animais para se aquecerem na lareira, como faziam todas as manhãs frias. Simonetta cuidou dos que estavam doentes, tentou confortar os que estavam tristes, mas não participou dos jogos dos que estavam felizes. Tinha muito trabalho para fazer antes que seu pai voltasse, ela lhes disse, mas os animais perceberam que ela estava muito perturbada.

Durante toda a manhã ela limpou, esfregou, remendou e cozinhou, suspirando profundamente durante todo o tempo, e enxugando os olhos com a ponta do avental. Os animais olhavam e ficavam cismando, mas não podiam fazer nada para animá-la.

De tarde, Simonetta decorou a árvore com os enfeites que usavam desde que ela era pequenina, antes do tempo que sua mãe foi para o céu. Pendurou cordões de frutinhas brilhantes e prendeu uma velinha com cuidado na ponta de cada galho. Mas, mesmo enquanto estava fazendo este trabalho, dos mais agradáveis, Simonetta não sorriu nem cantou. Continuava a suspirar, suspiros fundos, e enxugava-os olhos com a ponta do avental.

Depois, Simonetta pegou um pedaço de casca de árvore que estava lá para ser usada e, com uma varinha molhada em suco de amoras, escreveu:

“Ao meu querido Pai, que eu amo muito. Eu fui embora com os animais. Eu não posso mais ficar aqui, tendo que olhar todos os dias para os corpos mortos de criaturas que foram minhas amigas. Por favor, não tente encontrar-me, pois morar na casa de um caçador é muito duro para eu poder aguentar. Talvez mamãe venha do céu para me ajudar. Eu assei um bolo de Natal que está no forno, remendei sua camisa que estava rasgada e limpei a casa o mais que eu pude. Algum dia, você vai para o Céu também e, então, nós vamos poder ficar todos juntos outra vez. Sua filha que o ama, Simonetta.”

Colocou o pedaço de casca de árvore sobre a mesa, enrolou seu xale mais quente em volta dos ombros, e disse aos animais:

— Venham, vamos embora. Meu pai vai voltar para casa logo, e eu já tenho que estar longe.

— Simonetta, não! — exclamou a raposa, que por fim percebeu o que ela estava fazendo. Está muito frio lá fora e você vai ficar gelada. Você não está vestida com peles quentes como nós. Você não deve sair de perto da lareira.

— Na verdade, querida raposa, eu preciso sair de perto da lareira, respondeu Simonetta, pois eu não posso mais morar na cabana de um caçador.

— Não há alimento para você na floresta no inverno, disse o esquilo. Se eu não tivesse armazenado nozes, eu não teria nada para comer.

— Muito bem, bondoso Esquilo, respondeu Simonetta, eu vou levar comida. Eu ainda tenho maçãs aqui e um pouco de sementes de girassol. Mas eu não preciso de muita comida, porque eu acho que minha mãe virá do céu para me ajudar.

Os outros animais também tentaram convencer Simonetta a não deixar a cabana quentinha, mas ela não queria ouvir. Apanhou algumas maçãs, sementes que colocou num saquinho e foi para a porta.

— Agora venham, disse, está ficando tarde e temos que nos apressar.

Simonetta afastou-se depressa para a floresta e os animais a seguiram relutantes.

O cervo, o último a sair, pensou em calçar a porta para esta ficar aberta, assim o vento poderia entrar e apagar o fogo, deixando a cabana fria para quando o valente caçador voltasse. Mas, depois o cervo pensou:

— Não, vou deixar que ele fique aquecido, pois seu lar vai estar bastante desolado nesta Véspera de Natal.

Então, o cervo fechou a porta e se lançou para frente, saltando por cima dos outros animais na sua pressa de alcançar Simonetta.

Estava mesmo muito frio. Simonetta tremia e puxou o xale apertando-o mais em volta dos ombros. Mas, era como a raposa havia dito — o calor de seu xale de tecido não podia ser comparado com o calor de suas peles.

— Depressa, depressa, chamou Simonetta. Ainda estamos muito perto da cabana de meu pai. Temos que entrar mais para dentro da floresta.

Assim foram andando, mais longe, mais longe, enquanto a noite ficava mais escura em volta deles e o ar estalava de tão frio. Depois, por fim, chegaram a um lugar onde só o cervo e a raposa tinham estado antes.

Nem Simonetta conhecia, pois ficava na parte mais densa da floresta, escondida do resto do mundo.

No verão, era um bosque com relva, sombreado por árvores gigantescas e cercado de samambaias. Em épocas muito distantes, rochas enormes ficaram alinhadas formando um círculo, dentro do qual estava agora o bosque. Se isto tinha sido feito por uma raça de gigantes ou pelo próprio Deus, ninguém que agora vivia na Terra podia dizer. Foi aqui, então, que Simonetta e os animais abrigaram, protegidos do vento pelas rochas em círculo.

— E aqui que eu vou esperar minha mãe vir do Céu, disse Simonetta. Meu pai não vai me encontrar aqui, pois, se ele conhecesse este lugar, com certeza me teria falado sobre ele.

Sorriu para os animais que olhavam para ela ansiosamente.

— Obrigada por terem me acompanhado tão longe, queridos amigos, disse. Eu teria ficado com medo na floresta escura se vocês não estivessem comigo, mas aqui eu não tenho medo. É um bom lugar.

Olhou para cima, através de uma abertura nos galhos, bem lá em cima, uma estrela brilhante lançava sua luz sobre eles.

— Acho que este lugar é sagrado, murmurou. Eu estarei em segurança aqui. Vão para suas casas agora, pois vocês devem estar muito cansados. E lembrem-se que eu amo vocês.

— Não, Simonetta, disse o quati, nós não vamos deixar você. Enquanto você estiver na floresta, nós seremos seus companheiros. Nós vamos esperar com você, a chegada de sua mãe.

E, por mais que tentasse Simonetta não conseguiu convence-los a irem embora. Por fim, ela disse:



— Meus melhores amigos, obrigada por ficarem comigo. Talvez seja certo ficarmos juntos, pois é Véspera de Natal, à noite em que é derramado sobre a Terra, por nosso Pai do Céu, amor suficiente para durar o ano inteiro.

Então, o quati enrolou sua cauda em volta dos pés dela para aquecê-los, o coelho e o esquilo se aninharam de cada lado dela, os dois esquilinhos listados procuraram se abrigar no bolso da saia dela, e ela encostou-se ao lobo, aquecendo as orelhas em sua pele e contou-lhes a história de Natal.

Ela a contou muito bem, pois há muito tempo que ela a sabia de cor, e até o cervo e a raposa, que já a tinham ouvido, ficaram maravilhados com a sublime dádiva de Vida e Amor que o Senhor Deus havia dado para a Sua Terra.

— E esta é a noite em que Cristo volta à Terra? — perguntou o esquilinho listado que, esquecendo-se do frio, saiu do bolso para ouvir melhor.

— É essa a noite, disse Simonetta sorrindo para ele. Neste exato momento, Sua Luz está brilhando em tudo ao nosso redor, e a Terra fria está sendo aquecida com Seu Amor.

— Não acha que nos devíamos agradecer a Ele? Murmurou o coelho que nunca falava muito porque era muito tímido, mas que, às vezes, tinha muito boas ideias.

— Claro que devemos, concordou Simonetta, e um jeito de fazer isso e cantar canções de Natal. Vocês sabem alguma canção de Natal?

A raposa conhecia algumas, porque algumas vezes andava nos arredores da vila e uma vez tinha ouvido um grupo de cantores. Mas, para os outros animais, as canções de Natal eram uma coisa estranha, sobre as quais não sabiam nada. Por isso, Simonetta cantou para eles e, pouco a pouco, eles pegaram a ideia e cantaram também. Logo, todos os animais estavam cantando.

Mas, se você tivesse estado lá, e se você estivesse ouvindo com seus ouvidos da Terra, você teria ouvido o lobo uivar, o coioote ladrar para a Lua, o esquilo chilrear, e uma miscelânea de outros sons que não pareciam de jeito nenhum canções de Natal. Mas, se você estivesse ouvindo com seus ouvidos do céu, você teria ouvido à música mais suave, que vinha dos corações dos que estavam realmente gratos.

— Oh, vamos adorá-Lo, oh vamos adorá-Lo, oh vamos adorá-Lo, Cristo Jesus, diziam todos.

Enquanto isso, o valente caçador tinha voltado para sua cabana, carregando nos ombros um grande veado morto.

— Simonetta, chamou. Venha ver o que eu trouxe para a nossa festa de Natal.

Colocou o veado no chão, do lado de fora da porta, e esperou que ela viesse recebê-lo como fazia sempre. Mas, a porta não se abriu, e um medo frio e inexplicável começou a gelar seu coração. Abrindo a porta com um empurrão, precipitou-se para dentro da cabana. O fogo crepitava alegremente na lareira, do forno vinha um aroma doce e perfumado do bolo de Natal, o assoalho brilhava com a claridade do fogo, e a mesa, tão polida de limpeza, refletia a luz de uma vela solitária. No canto estava a deslumbrante árvore de Natal e dobrada cuidadosamente no braço de sua cadeira estava a camisa rasgada que ele tinha pedido a Simonetta para costurar. Mas, nem sinal de Simonetta.

Então, o valente caçador viu o recado sobre a mesa. Com o coração batendo descompassado, ele o pegou com mãos trêmulas. Leu-o uma vez e não acreditou nas palavras. Leu uma segunda vez e um terrível lamento, como o grito de um animal ferido, saiu do fundo do seu ser.

Cambaleou até uma cadeira e cobriu o rosto com as mãos, pois não foi a imagem de sua pequena Simonetta que passou ante seus olhos. Em lugar

disso, viu a figura de um veado ferido correndo pela floresta para logo cair em agonia. Viu a forma de centenas de criaturas selvagens andando despreocupadas, e, de repente, serem colhidas por flechas certeiras.

Quanto tempo ficou assim, apenas o abençoado Deus que conhece os sofrimentos de todos os homens e que, com infinita compaixão os sente em Seu próprio coração, pode dizer. Quando, ainda com lágrimas nos olhos, o valente caçador voltou ao presente, o fogo na lareira era apenas uma brasa acesa e um frio como o da morte, enchia a sala.

Mais uma vez, ele gemeu. Depois, caindo de joelhos, juntou as mãos e sussurrou:

— Agora eu sei que fiz muito mal. Agora eu sei que é errado tirar a vida de Vossas criaturas. Estou pronto para expiar minhas faltas, segundo Vossa vontade. Mas não deixeis minha filha pagar por isso, eu Vos peço. Poupei-a. Ajudai-me a encontrá-la.

Ficou assim ajoelhado mais algum tempo e depois, quase sem perceber, seus membros se aqueceram e sentiu— se mais forte. Tinha passado através da sombra e saiu purificado. Agora tinha um trabalho a fazer.

o valente caçador levantou-se de um salto. Agarrando um galho resistente da pilha de lenha, encostou-o na brasa até que começou a pegar fogo. Com cuidado, fez a pequena chama aumentar até ficar uma tocha brilhante. Então, ele apressou-se e saiu para a escuridão.

Com a luz da tocha, o valente caçador pode ver claramente as marcas deixadas pelos animais. Aqui e ali, quase apagadas pelas outras, estavam as pegadas de Simonetta e, vendo-as, tomou novo ânimo.

— Conservai-a aquecida, disse, erguendo os olhos para uma estrela brilhante acima de sua cabeça, Protegei-a. Guiai-me para ela, eu Vos imploro.

Com a tocha era fácil seguir as marcas, e o valente caçador apressou-se, indo cada vez mais para o interior da floresta, onde nunca antes se havia aventurado. De repente, no meio de umas árvores distantes, que pareciam levantar-se por detrás de uma parede de rochas, viu um clarão de luz que iluminava todo o céu,

— Um fogo, pensou o valente caçador. Ela acendeu uma fogueira. Ela está aquecida. Graças a Deus.

Mas, quanto mais perto chegava, mais desconfiava que não era o clarão de uma fogueira, a luz era muito fixa, muito branca, muito pura. Depois ouviu sons. Um lobo uivava; um coiote ladrava para a Lua.

— Os animais, murmurou. Se eles a machucaram...

O valente caçador escutou outra vez e ouviu, não uivos ou latidos, mas a música mais suave que nunca imaginou fosse possível ouvir-se. As palavras eram claras!

— Oh, vamos adorá-Lo, oh vamos adorá-Lo, oh vamos adorá-a-a-Lo, Cristo Jesus.

O valente caçador espetou a tocha em um montículo de neve onde ela ficou firme. Cautelosamente moveu-se para frente em direção do clarão. Rodeou a parede de rocha até chegar a uma abertura e ficou estarecido com o que seus olhos viram.

Simonetta estava confiantemente encostada num lobo, cujos olhos eram vigilantes e protetores. Toda espécie de criaturas da floresta, grandes e pequenas, se aglomeravam em volta dela. Eles estavam cantando.

Depois, o valente caçador viu algo mais. Uma figura — humana na aparência — flutuante, pairava sobre Simonetta, projetando sobre ela e sobre os animais,

ondas e mais ondas de uma luz branca e pura. Enquanto o valente caçador contemplava pasmado a figura, ela – pois era feminina — voltou-se para ele que ficou assombrado. Ela era aquela que um dia ele havia amado e que lhe tinha sido familiar e cuja presença carinhosa era agora apenas uma enternecedora lembrança que amiúde lhe voltava.

O vulto ficou ao seu lado, tocando delicadamente seu rosto com os dedos. Ele não sentiu o toque, mas foi como se uma brisa quente de primavera tivesse bafejado sua face. Ela sorriu afetuosamente para ele.

— Minha querida, ele murmurou. É você?

— Sim, disse a figura. Eu recebi permissão para auxiliar vocês esta noite, pois eu sabia que eu seria necessária.

— Você guiou Simonetta para este lugar e manteve-a em segurança? — perguntou o valente caçador.

A figura concordou.

— Ela viu você? ele continuou perguntando.

— Não — disse o vulto. É melhor que ela não me veja, porque, então, minha partida seria muito penosa. Mas ela sabe que eu estou perto, e está contente.

— Então — então, você deve partir outra vez? — disse o valente caçador tristemente.

— Eu devo, respondeu a figura, o mais docemente que pode. Um grande privilégio foi-me concedido e eu não me atrevo a abusar. Mas, depois desta noite, nenhum de vocês vai precisar muito de mim, pois você aprendeu uma grande lição e agora seus caminhos vão mudar.

O valente caçador suspirou profundamente.

— Isso foi obra sua também? — ele perguntou.

— Eu pedi para que os animais mortos fossem mostrados a você, respondeu a figura, pois quando o choque da mensagem de Simoneta atingiu-o tão profundamente, eu soube que você estava pronto para seus olhos serem abertos.

Por um longo momento, o valente caçador contemplou a figura que devolveu seu olhar terno e carinhoso. Depois, ela disse, suavemente:

— Agora, meu bem-amado, eu devo partir. Leve Simonetta para casa. Ela irá de bom grado. E lembre-se das suas palavras. Algum dia, você irá para o céu também e, então, nós vamos poder ficar todos juntos novamente!

Com isso, a figura acariciou seu rosto mais uma vez e lentamente subiu em direção a brilhante estrela lá no alto. Muito tempo depois dela desaparecer de vista, o clarão branco e puro ainda permanecia naquele lugar.

O valente caçador andou em direção ao grupo:

— Simonetta, chamou suavemente.

— Oh, papai! — ela exclamou, levantando-se de um salto para seus braços. Mamãe esteve aqui. Eu senti. Ela fez tudo certinho para nós.

— Eu sei filha — disse o valente caçador. Eu a vi.

— Você a viu? Simonetta arregalou os olhos. Ela ainda está bonita?

— Mais bonita do que nunca, ele respondeu com simplicidade, seu coração muito cheio de emoção para poder falar mais.

— Estou contente, ela disse abraçando-o.

— E agora, filha, você quer voltar para casa comigo? É muito tarde e este lugar está muito frio.

— Eu vou para casa, disse Simonetta, colocando sua mão na dele.

— E seus amigos, ele disse olhando para os animais, também são bem-vindos. Eu sei que ele não tem motivos para confiar em mim, mas eu prometo que, desta noite em diante, enquanto eu morar na floresta, nenhum mal que eu possa impedir os atingirá.

Com isso o lobo, que estava observando desconfiado, relaxou. Devagar, foi até o que tinha sido um valente caçador e aconchegou-se a sua mão livre. Quando o homem acariciou a cabeça do lobo, os outros animais também se aproximaram. Agruparam-se em volta de Simonetta e seu pai, e os acompanharam na sua longa jornada pela floresta.

Quando, por fim, estavam quase chegando à casa, o que tinha sido um valente caçador lembrou-se sobressaltado do veado morto que ele tinha largado na porta da cabana.

— Eu daria qualquer coisa, se eu pudesse impedir Simonetta de ver aquilo.

Desanimado continuou a caminhar, e Simonetta, sentindo a preocupação do seu coração, olhou para ele atentamente.

Mas, quando chegaram à cabana, o corpo do veado tinha desaparecido. Não havia pingos de sangue na neve, nem marcas onde o corpo tinha estado.

Enquanto o que tinha sido um valente caçador meditava sem poder acreditar no que, acontecia, Simonetta largou sua mão e correu para um animal que se aproximava.

— Ramo, Ramo, ela chamou. Estou tão contente por ver você!

Seu pai olhava espantado e Simonetta colocou os braços em redor do pescoço de um magnífico veado que aparecera ante eles. Era o mesmo animal que havia sido morto para a festa de Natal.

O veado aceitou os abraços exuberantes de Simonetta, por um momento, mas depois se desprende delicadamente de seus braços. Caminhou para o que tinha sido um valente caçador e olhou-o, reconhecendo-o.

— Quase não posso acreditar que você está vivo, disse o homem humildemente, mas louvo a Deus por isso.

— Sim, disse o veado, devemos todos louvar a Deus. Ele abrandou seu coração e Ele me restituiu a vida que me foi tirada. Que Suas bênçãos fiquem com todos vocês!

E o veado, com um salto prodigioso, desapareceu na escuridão.

Depois Simonetta, seu pai e seus amigos animais entraram na cabana onde, milagrosamente, o fogo na lareira estava outra vez crepitando e um calor agradável enchia a sala. Nessa noite, e em muitas outras noites que se seguiram, enquanto Simonetta e o que tinha sido um valente caçador dormiam em suas camas quentinhas, os animais dormiam, seguros e sem serem incomodados, diante de um fogo acolhedor.

